

Convergência

JUNHO • 2017 • ANO LII

502

Revista da Conferência
dos Religiosos do Brasil – CRB
ISSN 0010-8162



CRB

Convergência ISSN 0010-8162

Diretora: Irmã Maria Inês Ribeiro, mad
Editor: Irmão Lauro Daros, fms
Redatora: Irmã Maria Aparecida das Dores Silva, fsp – MTb 3773/DF

Conselho Editorial: Frei Moacir Casagrande, ofmcap
Irmã Helena Teresinha Rech, sst
Irmã Vera Ivanise Bombonato, fsp
Jaldemir Vítório, sj
Irmã Nivalda Milak, fdz

Projeto gráfico: Manuel Rebelato Miramontes
Diagramação: Marília da Silva Ferreira
Revisão: Letícia Figueiredo e Renato Thiel
Impressão: Editora Gráfica Ipiranga
Ilustração da capa: Irmã Patrícia Souza da Silva

DIREÇÃO, REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
SDS, Bloco H, n. 26, sala 507 – Ed. Venâncio II
70393-900 - Brasília - DF
Tel.: (61) 3226-5540 - Fax: (61) 3225-3409
E-mail: crb@crbnacional.org.br
www.crbnacional.org.br
Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas
do PDF sob o n. P. 209/73



EDIÇÕES CNBB
SE/Sul Quadra 801 - Cj. B - CEP 70200-014
Fone: 0800 940 3019 / (61) 2193-3019
Fax: (61) 2193-3001
E-mail: vendas@edicoescnbb.com.br
www.edicoescnbb.com.br

Sumário

Editorial

- Corpus Christi*
IRMÃO LAURO DAROS, MARISTA 5

Mensagem do Papa

- Homilias do Papa Francisco na Solenidade de
Corpus Christi – 2014, 2015, 2016 7

Mártires/Santos

- Pe. Júlio Maria De Lombaerde, Servo de Deus
PE. HELENO RAIMUNDO DA SILVA, SDN 13

Informes

- Compartilhando a vivência na Comunidade
Intercongregacional Nazaré
IRMÃ MARIA DALVANI SOUSA ANDRADE 18
- Vida religiosa consagrada: “o que fazer?”
PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS

Artigos

- Quem são os pobres hoje?
WAGNER LOPES SANCHEZ 25
- O olhar de Comblin sobre a Vida Religiosa Consagrada
ALZIRINHA SOUZA 32
- São Vicente de Paulo, místico e profeta da caridade
missionária 1617-2017: 400 anos do carisma vicentino
VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA, C.M. 45
- Contemplar a beleza, zelar da Casa Comum - Um apelo à
Vida Religiosa Consagrada na *Laudato Si'*
IR. AFONSO MURAD, MARISTA 62

Corpus Christi

IRMÃO LAURO DAROS, MARISTA

O Papa Francisco, nas homilias de *Corpus Christi* de 2014, 2015 e 2016, enfatizou que “o Corpo de Cristo é o pão dos últimos tempos, capaz de dar vida, e vida eterna, porque a substância deste pão é o amor”. “Na Ceia Jesus oferece o seu Corpo e o seu Sangue mediante o pão e o vinho, para nos deixar o memorial do seu sacrifício de amor infinito”. “Fazei isto em memória de Mim!”.

Na seção Mártires/Santos, Pe. Heleno Raimundo, sdn, publica uma breve biografia do Servo de Deus Pe. Júlio Maria De Lombarderde. Neste mês do *Corpus Christi* é bem oportuno apresentar o Pe. Júlio Maria, pois “a missão e a espiritualidade vivida pelo Pe. Júlio Maria tinham sua fonte na Eucaristia. Era um homem profundamente eucarístico. Pensava e vivia a Eucaristia como alimento que deixa em nós suas marcas. Dizia: ‘Deus é a fome e a sede de nossa alma’”.

A Irmã Maria Dalvani Sousa Andrade compartilha a riqueza da vivência na Comunidade Intercongregacional Nazaré, no Haiti. Ela destaca que “o carisma de cada congregação, com seus respectivos fundadores e fundadoras, me conferiu uma experiência muito forte, pois todos se fundamentam da vida de simplicidade, alegria, tendo como protagonistas os pobres, preferidos de Deus. Jesus Cristo é o ápice, o centro, a base fundante de cada carisma”.

Pe. Alfredo J. Gonçalves traz uma fundamental reflexão sobre a essência da VRC, com o texto “Vida Religiosa Consagrada: o que fazer?”. O autor responde: “em termos de VRC, o que nos nutre em profundidade não são as atividades desempenhadas em nome do carisma, por mais importantes

e intransferíveis que elas sejam. Tampouco nos nutrem os conceitos intelectuais elaborados a partir da razão iluminista e suas argumentações, e tampouco os conceitos teológicos sobre a história da salvação. O que nutre de fato e mantém de pé a vocação à VRC e, em última instância, a vocação de todo cristão batizado, é o encontro pessoal com Jesus”.

Contemplando a 3ª Prioridade da CRB para o Triênio 2016–2019, “Missão com opção preferencial pelos pobres”, a seção Artigos inicia-se com a questão: Quem são os pobres hoje? O texto é de Wagner Lopes Sanchez, que destaca, entre uma longa relação, os jovens e os migrantes. “Entre os pobres, hoje, podemos identificar dois grupos que merecem um olhar mais atento das igrejas cristãs: os jovens e os migrantes. Embora cada qual com sua especificidade, a razão fundamental do descarte desses dois segmentos está diretamente vinculada ao processo de globalização”.

Em seguida, Alzirinha Souza apresenta o texto “O Olhar de Comblin sobre a Vida Religiosa Consagrada”. Ao perguntar sobre a missão dos religiosos e religiosas na Igreja, a questão de fundo, para o Pe. Comblin, é o que cada Instituição, assumindo sua própria identidade, carisma, caridade e missionaridade, poderia fazer por aquilo que lhe é próprio: evangelizar.

A 1ª Prioridade da CRB, “Integrar Mística e Profecia”, é destacada pelo Pe. Vinícius Augusto Ribeiro Teixeira, CM, com o excelente texto: “São Vicente de Paulo, místico e profeta da caridade missionária”, em comemoração pelos 400 anos do carisma vicentino. Esclarece o autor: “Neste artigo, tentaremos demonstrar como a mística e a profecia que se irradiam do itinerário percorrido por São Vicente de Paulo podem nos impulsionar a trilhar as veredas da caridade e da missão”.

Por fim, Ir. Afonso Murad, fms, conduz os consagrados e as consagradas a contemplarem a beleza da criação divina e a zelarem pela Casa Comum, destacando que esse é um apelo à Vida Religiosa Consagrada na *Laudato Si'*. O texto comunga com a 3ª Prioridade da CRB, “Missão com opção preferencial pelos pobres”, ao expressar que “a sensibilidade ao belo, a partir das maravilhas da natureza, deve ser vivida integralmente na relação com os outros (sobretudo os mais pobres) e Deus”. Essa afirmação afina-se com o Papa Francisco, que diz: “Não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus”.¹

1 FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) sobre o cuidado da Casa Comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 119.

Homilias do Papa Francisco na Solenidade de *Corpus Christi* – 2014, 2015, 2016¹

2014

“O Senhor teu Deus (...) te alimentou com o maná que nem tu, nem teus pais conheciam”
(Dt 8,2-3).

Estas palavras do Livro do Deuteronômio fazem referência à história de Israel, que Deus fez sair do Egito, da condição de escravidão, e durante quarenta anos guiou no deserto rumo à terra prometida. Uma vez que se estabelece nessa terra, o povo eleito alcança uma determinada autonomia, um certo bem-estar, e corre o risco de se esquecer das tristes vicissitudes do passado, ultrapassadas graças à intervenção de Deus e à sua bondade infinita. Então, as Escrituras exortam a recordar, a *fazer memória* de todo o caminho percorrido no deserto, durante a época da carestia e do desânimo. O convite consiste em voltar ao essencial, à experiência da dependência total de Deus, quando a sobrevivência estava confiada nas suas mãos, para que o mundo compreendesse que “não só de pão vive o ser humano, mas de tudo o que procede da boca do Senhor” (Dt 8,3).

Além da fome física, o homem sente outro tipo de fome, uma fome que não pode ser saciada com o alimento comum. Trata-se da fome de vida, fome de amor, fome de eternidade. E o sinal do *maná* – como toda a experiência do êxodo – continha em si também esta dimensão: era figura de um alimento que satisfaz esta fome profunda que o homem sente. Jesus concede-nos este alimento, aliás, *Ele mesmo é o pão vivo* que dá vida ao mundo (Jo 6,51). O seu Corpo é o verdadeiro alimento, sob a espécie do pão; o seu Sangue é a verdadeira bebida, sob a espécie do vinho. Não se trata de um simples alimento com o qual saciar os nossos corpos, como no caso do maná; o Corpo de Cristo é o pão dos últimos tempos, capaz de dar vida, e vida eterna, porque a substância deste pão é o Amor.

1 Disponível em: <http://w2.vatican.va/content/vatican/it.html>.

Na Eucaristia comunica-se o amor do Senhor por nós: um amor tão grandioso que nos nutre com Ele mesmo; um Amor gratuito, sempre à disposição de cada pessoa faminta e necessitada de regenerar as próprias forças. Viver a experiência da fé significa deixar-se alimentar pelo Senhor e construir a própria existência não sobre os bens materiais, mas sobre a realidade que não perece; os dons de Deus, a sua Palavra e o seu Corpo.

Se olharmos ao nosso redor, damo-nos conta de que existem *muitas ofertas de alimento* que não derivam do Senhor e que aparentemente satisfazem em maior medida. Alguns nutrem-se de dinheiro, outros de sucesso e de vaidade, outros ainda de poder e de orgulho. Mas o único alimento que nos nutre verdadeiramente e que nos sacia é aquele que o Senhor nos concede! O alimento que o Senhor nos oferece é diferente dos demais, e talvez não nos pareça tão saboroso como determinadas comidas que o mundo nos oferece. Então, sonhamos outras refeições, como os hebreus no deserto, que tinham saudades da carne e das cebolas que comiam quando estavam no Egito, esquecendo-se contudo que comiam aqueles pratos na mesa da escravidão. Naqueles momentos de tentação, eles recuperavam a memória, mas uma memória doentia, uma memória seletiva. Uma memória escrava, não livre.

Hoje, cada um de nós pode perguntar-se: E eu, *onde quero comer?* De que mesa desejo me alimentar? Na mesa do Senhor? Ou então sonho em comer alimentos saborosos, mas na escravidão? Além disso, cada um de nós pode interrogar-se: Qual é a minha memória? A do Senhor que me salva, ou a do alho e das cebolas da escravidão? Com que memória sacio a minha alma?

O Pai diz-nos: “Dei-te por alimento o maná, que tu não conhecias”. Recuperemos a memória! Eis a tarefa, recuperar a memória. E aprendamos a reconhecer o pão falso que ilude e corrompe, porque é fruto do egoísmo, da autossuficiência e do pecado.

Daqui a pouco, durante a *procissão*, seguiremos Jesus realmente presente na Eucaristia. A Hóstia é o nosso maná, mediante o qual o Senhor oferece a si mesmo para nós. Dirijamos-nos a Ele com confiança: Jesus, defendei-nos das tentações do alimento mundano que nos torna escravos, do alimento envenenado; purificai a nossa memória, a fim de que não permaneça prisioneira na seletividade egoísta e mundana, mas seja *memória viva da vossa presença* ao longo da história do vosso povo, memória que se faz “memorial” do vosso gesto de amor redentor. Assim seja!

Ouvimos: na Ceia Jesus oferece o seu Corpo e o seu Sangue mediante o pão e o vinho, para nos deixar o memorial do seu sacrifício de amor infinito. E com este “viático” repleto de graça, os discípulos dispõem de tudo o que é necessário para o seu caminho ao longo da história, para estender o Reino de Deus a todos. Luz e força serão para eles o dom que Jesus fez de si mesmo, imolando-se voluntariamente na cruz. E este Pão de vida chegou até nós! Nunca termina a admiração da Igreja perante esta realidade. Uma admiração que alimenta sempre a contemplação, a adoração e a memória. Como nos demonstra um texto muito bonito da Liturgia de hoje, o Responsório da segunda leitura do Ofício das Leituras, que reza assim: “Reconhecei neste pão aquele que foi crucificado; no cálice, o Sangue que jorrou do seu lado. Tomai e comei o Corpo de Cristo, bebei o seu Sangue: porque agora sois membros de Cristo. Para não vos desagregardes, comei este vínculo de comunhão; para não vos aviltardes, bebei o prego do vosso resgate”.

Existe um perigo, uma ameaça: desagregar-se, aviltar-se. O que significa, hoje, este “*desagregar-se*”, este “*aviltar-se*”?

Nós *desagregamo-nos* quando não somos dóceis à Palavra do Senhor, quando não vivemos a fraternidade entre nós, quando competimos para ocupar os primeiros lugares – os arrivistas – quando não encontramos a coragem de dar testemunho da caridade, quando não somos capazes de oferecer esperança. É assim que nos desagregamos. A Eucaristia impede que nos desagreguemos, porque é vínculo de comunhão, cumprimento da Aliança e sinal vivo do amor de Cristo, que se humilhou e se aniquilou para que nós permanecêssemos unidos. Participando na Eucaristia e alimentando-nos dela, somos inseridos em um caminho que não admite divisões. Cristo presente no meio de nós, no sinal do pão e do vinho, exige que a força do amor ultrapasse todas as dilacerações e, ao mesmo tempo, que se torne comunhão inclusive com o mais pobre, sustentáculo para quem é frágil, atenção fraterna a quantos têm dificuldade de carregar o peso da vida cotidiana, e correm o perigo de perder a própria fé.

Além disso, há outra palavra: o que significa para nós, hoje, “*aviltar-nos*”, ou seja, diluirmos a nossa dignidade cristã? Significa deixar-nos contaminar pelas idolatrias do nosso tempo: o aparecer, o consumir, o eu no centro de tudo; mas também o ser competitivo, a arrogância como atitude vencedora, o nunca termos que admitir que erramos, que temos necessidade. É tudo isto que nos avilta, que nos torna cristãos medíocres, tíbios, insípidos, pagãos.

Jesus derramou o seu Sangue como preço e lavacro, para que nós fôssemos purificados de todos os nossos pecados: para não nos aviltarmos, fixemos o nosso olhar nele, saciemo-nos na sua fonte, a fim de sermos preservados do risco da corrupção. E então experimentaremos a graça de uma transformação: seremos sempre pobres pecadores, mas o Sangue de Cristo libertar-nos-á dos nossos pecados, restituir-nos-á a nossa dignidade. Livrar-nos-á da corrupção. Sem o nosso mérito, com humildade sincera, conseguiremos levar aos irmãos o amor de nosso Senhor e Salvador. Seremos os seus olhos, que vão à procura de Zaqueu e de Madalena; seremos as suas mãos, que socorrem os enfermos no corpo e no espírito; seremos o seu Coração que ama os necessitados de reconciliação, de misericórdia e de compreensão.

Deste modo, a Eucaristia atualiza a Aliança que nos santifica, que nos purifica e que nos põe em comunhão admirável com Deus. Assim aprendemos que a Eucaristia não é uma recompensa para os bons, mas constitui a força para os mais frágeis, para os pecadores. É o perdão, é o viático que nos ajuda a ir em frente, a caminhar.

Hoje, festividade de *Corpus Christi*, temos a alegria não só de celebrar este mistério, mas também de louvá-lo e cantá-lo pelas ruas da nossa cidade. A procissão que faremos no final da Missa seja a manifestação do nosso reconhecimento por todo o caminho que Deus nos permitiu percorrer através do deserto das nossas pobreza, a fim de nos levar a sair da nossa condição servil, alimentando-nos com o seu Amor mediante o Sacramento do seu Corpo e do seu Sangue.

Daqui a pouco, enquanto caminharemos ao longo das ruas, sintamo-nos unidos em comunhão com muitos dos nossos irmãos e irmãs que não têm a liberdade de manifestar a sua fé no Senhor Jesus. Sintamo-nos unidos a eles: entoemos cânticos com eles, louvemos juntamente com eles, adoremos com eles. E veneremos no nosso coração aqueles irmãos e irmãs aos quais foi pedido o sacrifício da própria vida em fidelidade a Cristo: o seu sangue, unido ao Sangue do Senhor, seja penhor de paz e de reconciliação para o mundo inteiro.

E não esqueçamos: “Para não vos desagregardes, comei este vínculo de comunhão, e para não vos aviltardes, bebei o preço do vosso resgate”.

2016

“Fazei isto em memória de mim!” (1Cor 11,24). Esta ordem de Cristo é referida duas vezes pelo apóstolo Paulo, quando narra à comunidade de Corinto a instituição da Eucaristia. É o testemunho mais antigo que temos das palavras de Cristo na Última Ceia.

“Fazei isto”, ou seja, tomai o pão, dai graças e parti-o; tomai o cálice, dai graças e distribuí-o. Jesus ordena que se *repita o gesto* com que instituiu o memorial da sua Páscoa, pelo qual nos deu o seu Corpo e o seu Sangue. E este gesto chegou até nós: é o “fazer” a *Eucaristia*, que tem sempre Jesus como sujeito, mas atua-se através das nossas pobres mãos unidas de Espírito Santo.

“Fazei isto”. Já antes Jesus pedira aos seus discípulos para “fazerem” algo que Ele, em obediência à vontade do Pai, tinha já decidido no seu íntimo realizar; acabamos de ouvir no Evangelho. À vista das multidões cansadas e famintas, Jesus diz aos discípulos: “Vós mesmos, dai-lhes de comer” (Lc 9,13). Na realidade, é Jesus que abençoa e parte os pães até saciar toda aquela multidão, mas os cinco pães e os dois peixes são oferecidos pelos discípulos, e era isto o que Jesus queria: que eles, em vez de mandar embora a multidão, pusessem à disposição o pouco que tinham.

E, depois, há outro gesto: os pedaços de pão, partidos pelas mãos santas e veneráveis do Senhor, passam para as pobres mãos dos discípulos, que os distribuem às pessoas. Também isto é “fazer” com Jesus, é “dar de comer” juntamente com Ele. Evidentemente este milagre não pretende apenas saciar a fome de um dia, mas é sinal daquilo que Cristo tem em mente realizar pela salvação de toda a humanidade, dando a sua carne e o seu sangue (Jo 6,48-58). E, no entanto, é preciso passar sempre através destes dois pequenos gestos: oferecer os poucos pães e peixes que temos; receber o pão partido das mãos de Jesus e distribuí-lo a todos.

“Partir”: esta é a outra palavra que explica o significado da frase “faizei isto em memória de mim”. O próprio Jesus se repartiu, e reparte, por nós. E pede que façamos dom de nós mesmos, que nos repartamos pelos outros. Foi precisamente este “partir o pão” que se tornou ícone, sinal de reconhecimento de Cristo e dos cristãos. Lembremo-nos de Emaús: reconheceram-no “ao partir o pão” (Lc 24, 35). Recordemos a primeira comunidade de Jerusalém: “Eles eram perseverantes (...) na fração do pão” (At 2,42). É a Eucaristia que se torna, desde o início, o centro e a forma da vida da Igreja. Mas pensemos também em todos os santos e santas – famosos ou anônimos – que “repartiram” a si mesmos, a própria vida, para “dar de comer” aos irmãos. Quantas mães, quantos pais, juntamente com o pão cotidiano cortado sobre a mesa de casa, repartiram o seu coração para fazer crescer os filhos, e fazê-los crescer bem! Quantos cristãos, como cidadãos responsáveis, repartiram a própria vida para defender a dignidade de todos, especialmente dos mais pobres, marginalizados e discriminados! Onde encontram eles a força

para fazer tudo isto? Precisamente na Eucaristia: na força do amor do Senhor ressuscitado, que também hoje parte o pão para nós e repete: “Fazei isto em memória de mim”.

Possa o gesto da *procissão eucarística*, que em breve realizaremos, ser também resposta a esta ordem de Jesus. Um gesto para fazer memória d’Ele; um gesto para dar de comer à multidão de hoje; um gesto para repartir a nossa fé e a nossa vida como sinal do amor de Cristo por esta cidade e pelo mundo inteiro.

Pe. Júlio Maria De Lombaerde, Servo de Deus

“Só há santidade onde há totalidade de entrega a Deus!”

PE. HELENO RAIMUNDO DA SILVA,¹ SDN

Seu nome de batismo e civil é Júlio Emílio Alberto De Lombaerde. No Brasil passou a chamar-se Pe. Júlio Maria De Lombaerde, MSF. Devido à sua grande devoção terna e filial à Nossa Senhora, acrescentou “*Maria*” ao seu nome e suprimiu “*Emílio Alberto*”.

Seus pais foram José De Lombaerde e Sidônia Rosália Steelandt, gente de “fê camponesa”. Pareciam ter a Lei do Senhor gravada no coração. A família De Lombaerde era, realmente, uma verdadeira Igreja doméstica, pois tudo repousava sobre os valores da vida cristã. Souberam incutir nos filhos as virtudes morais e cristãs.

O casal teve nove filhos homens. Sobreviveram apenas os dois: Júlio Emílio e Aquiles João, que se tornaram padres missionários. Os outros tiveram vida meteórica.

Beveren-Leie, região de Waregem, Flandres Ocidental – Bélgica, foi a terra natal de Júlio Emílio, onde nasceu em 7 de janeiro de 1878, foi batizado e registrado no cartório civil, no dia 8 de janeiro de 1878. Aos oito anos, a família mudou-se para Tenheede, bairro de Waregem, onde Júlio Emílio viveu até quase a idade de 17 anos. Em 1889, na igreja paroquial de Waregem, fez a 1ª comunhão e recebeu o Sacramento da Crisma.

¹ Para comunicação de graças alcançadas: Pe. Heleno Raimundo da Silva, SDN, Praça Bom Jesus, 38 Centro, MANHUMIRIM-MG, CEP 36970-000, www.padrejuliomaria.com, beatificacao@padrejuliomaria.com.

Júlio Emílio viveu em uma época em que era grande o entusiasmo pelas missões estrangeiras. Não tinha ainda 17 anos completos quando o desejo de ser missionário lhe irrompeu dentro do coração, conquanto não muito delineado. Inicialmente, não pensava em abraçar o Sacerdócio. Aspirava apenas a consagrar a vida à salvação das almas dos infiéis.

Estudava ele no Colégio São José, de Torhout, quando ouviu o tocante sermão de um velho Bispo da África. O Prelado falou sobre a situação de extrema pobreza e ignorância religiosa na África, dignos de comiseração, e que vinha pedir uma esmola para minorar os seus sofrimentos e para o trabalho de evangelização deles. Sua pregação foi tão comovente que sensibilizou a todos.

Júlio Emílio, tocado ainda mais pela graça de Deus, não resistiu mais. Viu que a melhor esmola que poderia dar seria sua própria vida. Desde aquele dia, o seu ideal missionário se definiu em seu espírito.

Terminado o ano escolar (1894), voltou para junto da família, com a firme resolução de entregar-se inteiramente a Deus, se tornando missionário em terras africanas. E em dezembro daquele ano, seguiu para a Casa de Missões “São Carlos”, dos Padres Brancos (Missionários de Nossa Senhora da África), em Boxtel – Holanda, a fim de um melhor discernimento vocacional e preparar-se para o Noviciado.

Em outubro de 1895, partiu para Maison Carrée/Argel, Capital da Argélia, onde estava a Casa Central de Formação dos Padres Brancos. Entrando para o Noviciado, como Irmão leigo missionário, recebeu o nome de Ir. Optato Maria. Concluído o Noviciado, foi enviado para várias frentes missionárias da Congregação. Trabalhou com muito entusiasmo, como missionário, seis anos no continente africano.

Porém, acometido de repetidas febres malignas e não obtendo cura, foi-lhe nascendo no coração um outro projeto vocacional. Foi sentido que, como padre poderia fazer muito mais pelo povo. Mas, antes de qualquer decisão, pensou em fazer um voto à Nossa Senhora. Se ela o curasse, seria esta a vontade explícita de Deus. Uma vez curado miraculosamente, com permissão de seus Superiores, entrou em contato com o Pe. João Batista Berthier, MS, que tinha fundado uma congregação para as “vocações tardias” na Holanda. Em fevereiro de 1902, ingressou nessa nova Congregação.

Ordenou-se padre em 13 de junho de 1908, na Holanda. Em 1910, foi nomeado para a fundação de um Seminário da Congregação em Wakken/Bélgica. Lá, dedicava-se também à pregação de missões.

Em setembro de 1912, foi nomeado para as missões no Brasil. Aportou em Recife (PE), em outubro daquele ano. Passou algum tempo em Natal (RN), mas o seu destino era Macapá (AP), aonde chegou em 27 de fevereiro de 1913.

Em Macapá, entregou-se, de corpo e alma, às tarefas missionárias, sem jamais secundarizar a vida espiritual; por isso, em pouco tempo, transformou aquela paróquia. Foi percebendo que a missão precisava de operários para a messe. Veio-lhe então a ideia de fundar uma congregação de Irmãs. Com a aprovação do Bispo de Santarém, lançou as bases da Congregação das Filhas do Coração Imaculado de Maria – conhecidas por “Irmãs Cordimarianas” (21 de novembro de 1916).

Em 1923, transferiu a Casa de Governo das Irmãs e o Noviciado para Icoaraci, antiga Vila do Pinheiro, subúrbio de Belém (PA). Uma vez liberado das atividades paroquiais, foi-lhe nascendo no coração a ideia de fundar também o ramo masculino das Irmãs Cordimarianas.

Devido a uma série de dificuldades e sem a aprovação do Arcebispo de Belém, apesar de ser até liberado pelo seu Superior Geral para dedicar-se à obra sacerdotal, o seu projeto não pôde ser realizado.

Foi nessa ocasião que Dom Carloto Fernandes da Silva Távora, Bispo de Caratinga (MG), ficou sabendo de seu projeto. Comunicou-lhe que lhe daria toda ajuda necessária se ele viesse fazer a fundação em sua Diocese.

Em 1926, foi transferido para a paróquia do Alecrim, bairro de Natal (RN), com o pedido de ali trabalhar até que a Congregação pudesse mandar mais um padre para lá. Só em 1928 é que vai ser liberado para vir para o Sudeste. Chegou a Manhumirim em 24 de março de 1928.

Fundou um jornal, e um jornal combativo, a que deu o nome de *O Lutador*. O primeiro número saiu em 25 de novembro de 1928 e nunca mais deixou de ser editado. As lutas de *O Lutador*, hoje a Revista *O Lutador*, variaram nesses quase 90 anos, mas ele sempre lutou por algumas causas fundamentais para o Reino de Deus. Com linguagens diferentes, com enfoques diversos, mas sem perder de vista a meta final, os objetivos básicos.

Em Manhumirim deu início à fundação da Congregação dos Missionários de Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, ou seja, dos Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, que foi erigida canonicamente no dia 25 de março de 1929.

Dom Carloto pediu-lhe que fundasse o ramo feminino da novel Congregação. Depois de certa relutância, deliberou atender ao pedido de seu

novo Bispo, e, em 24 de dezembro de 1929, nascia a nova família religiosa, também em Manhumirim, as Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora.

Era belga e flamengo, mas quis se abraçear, desde os tempos de Macapá, no sentido que quis entender o povo, amar o Brasil e sua gente, fundar uma Congregação religiosa brasileira (a sua foi a primeira Congregação religiosa masculina brasileira e continuou sendo a única durante décadas). E mais que isso, em 1940 requereu sua naturalização. Ser brasileiro, deixar de ser belga, foi um grande sacrifício, um exercício de “*kénosis*”, de esvaziamento afetivo por amor de Cristo, como um testemunho de despojamento pessoal em nome do amor ao povo ao qual dedicou praticamente toda sua vida sacerdotal (ele veio para o Brasil quatro anos apenas depois de ordenado padre, e nunca mais voltou à Europa, nem em visita, durante mais de 32 anos que viveu ainda). O título de cidadão brasileiro lhe foi entregue solenemente em 31 de outubro de 1941, pelo Juiz de Direito de Manhumirim.

Depois de 16 anos de uma dedicação admirável ao ministério paroquial, à estabilização das duas Congregações por ele fundadas e à formação de padres, religiosos e religiosas, veio a falecer em um acidente de carro na tarde de 24 de dezembro de 1944, em Vargem Grande, hoje Distrito Pe. Júlio Maria, em Alto Jequitibá (MG).

Todos que conheceram o Pe. Júlio Maria e com ele conviveram, o têm como santo, pois através dele já foram alcançadas muitas graças, e acham que ele deveria ser canonizado, pois era um homem inteiramente de Deus, de muita oração, de um amor acendrado à Eucaristia, à Nossa Senhora e à Igreja, uma alma contemplativa, de um admirável zelo apostólico. Tinha uma veneração especial pelo Papa e grande respeito pelos Bispos, sobretudo pelo seu Bispo, a quem tratava com muita reverência. Foi um defensor acérrimo da Igreja, principalmente através da pena. Escreveu mais de 80 livros de espiritualidade, em defesa da Igreja e de divulgação, em linguagem popular, da teologia da Igreja.

No dia 24 de janeiro de 2015, em Manhumirim (MG), aconteceu a abertura do processo de Beatificação e Canonização do Servo de Deus Pe. Júlio Maria De Lombaerde, precedido pelo Simpósio Julimariano, cuja temática foi: “Um caminho de espiritualidade: Pe. Júlio Maria De Lombaerde – contexto histórico, escritos e atualidade”.

A Família Julimariana, constituída pelas Congregações fundadas pelo Servo de Deus, a saber, Filhas do Coração Imaculado de Maria (Irmãs Cordimarianas), Missionários Sacramentinos de Nossa Senhora, Irmãs Sacramentinas de Nossa Senhora, juntamente com os leigos do carisma julimariano, procura, no Amor-Sacrifício, viver o legado deixado pelo

Fundador. Para isso, está presente em todas as regiões do Brasil e na África subsaariana (Angola e Moçambique), através da evangelização em Paróquias, Educação, Hospital, Comunicação, Meios Populares.

A missão e a espiritualidade vivida pelo Pe. Júlio Maria tinham sua fonte na Eucaristia. Era um homem profundamente eucarístico. Pensava e vivia a Eucaristia como alimento que deixa em nós suas marcas. Dizia: “Deus é a fome e a sede de nossa alma”. Que o Servo de Deus nos inspire, pois somos sabedores de que a missão é a essência da Igreja e o mandamento de Jesus a todos os cristãos de anunciar o Evangelho, com palavras e atos, de forma que todas as pessoas optem livremente por Cristo, como fez Maria, a Senhora Eucarística.

Oração pela Beatificação do Servo De Deus

PE. JÚLIO MARIA DE LOMBAERDE

Ó Trindade Santa, vós que sois a fonte de toda santidade, nós vos louvamos por vosso servo o Pe. Júlio Maria De Lombaerde, que, assemelhando-se ao Cristo Eucarístico, cuidou do vosso rebanho com amor, zelo e doação. E, deixando-se guiar pelo Espírito Santo, assim como a Virgem Maria, testemunhou a ternura missionária da Igreja. Concedei-me, ó Trindade Santa, pela intercessão do Pe. Júlio Maria, a graça que vos suplico [pedir a graça]. E, se for de vossa santa vontade, dai que Pe. Júlio Maria alcance a honra dos altares, para a vossa glória e para o bem de tantas almas. Por Cristo, Nosso Senhor. Amém! [Pai-Nosso, Ave-Maria, Glória ao Pai]

Com aprovação Eclesiástica

+ **Dom Emanuel Messias de Oliveira**

Diocese de Caratinga – MG

Em conformidade com decretos do Papa Urbano VIII, declaramos que nada se pretende prevenir o juízo da Autoridade Eclesiástica, e que esta oração não tem qualquer finalidade de culto público.

Compartilhando a vivência na Comunidade Intercongregacional Nazaré

IRMÃ MARIA DALVANI SOUSA ANDRADE¹

Como é bom e agradável viver unidas!

Em 2011, quando toquei o chão sagrado e sofrido do Haiti, vendo o povo e as grandes áreas de tendas espalhadas por todo canto, uma grande compaixão tomou conta do meu coração, e ao mesmo tempo veio-me o sentimento de gratidão por estar ali, e mesmo me sentindo uma pequena gota no oceano, ter a oportunidade de ajudar aqueles nossos irmãos tão sofridos!

O tempo de três anos e um mês em que tive a graça de morar na Comunidade Intercongregacional Maria de Nazaré conferiu-me grande aprendizado, amadurecimento e superação. Os desafios da vida em comunidade, principalmente no primeiro ano, foram grandes. Éramos seis irmãs, cada uma de regiões e idades diferentes, mas o conhecimento mais aprofundado da riqueza que cada uma trazia proporcionou-nos colher muitos frutos bons, confiança, partilha, comunhão e aprendizado.

Depois de nos conhecermos melhor, interlaçando as riquezas de cada carisma, a relação sororal transformou meu coração, alargou a amizade, o bem-querer, a entreaajuda, a escuta, o diálogo, a autonomia, a coparticipação, a corresponsabilidade. Por isso, digo que a mútua ajuda nos transformou em mulheres fortes, corajosas e de espírito missionário fecundo.

1 Congregação: Catequistas Franciscanas.

Quando nos deparamos com a vida sofrida do povo pobre, com pessoas e famílias que passavam até três dias sem comer nada, todas as nossas energias vitais e o nosso potencial criativo se revitalizaram. Alimentávamos essas energias através das partilhas que fazíamos quase todo final de tarde. Éramos também imbuídas da presença constante dos nossos fundadores e fundadoras e da Ruah Divina, assim, tornando o que era fraco, rocha firme.

O povo de Deus do Haiti – sua religiosidade, sua fortaleza, sua resistência diante de tanta pobreza e extrema miséria – foi uma escola onde aprendi a relativizar muitas coisas e a centrar todo o meu potencial em vista de colaborar com a mudança daquela realidade. O esforço era tanto no interior da comunidade quanto no meio do povo. Vivi com muita intensidade, vigor, paixão, desprendimento, misericórdia e amizade. Essa inesquecível experiência intercongregacional junto ao povo do Haiti me transformou em uma pessoa forte na paixão pelos pobres, os preferidos de Deus.

Os retiros foram outro ponto alto na nossa vida intercongregacional. Eles nos levaram a aprofundar nossa vivência pessoal e comunitária. Todas as assessoras nos ajudaram a mergulhar em águas mais profundas, perpassando a linda vivência das primeiras comunidades cristãs, como a comunidade de Betânia, além de Zaqueu, com o desejo de se encontrar com Jesus; a mulher Samaritana, que saciou sua sede na fonte que jamais seca; Lázaro, que, mesmo depois de quatro dias já cheirando mal, pôs-se de pé para uma vida nova; o filho pródigo, que retornou para a casa do pai.

Essas experiências ricas, proporcionadas pela Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e pela Igreja no Brasil, me fortaleceram na vivência da intercongregacionalidade e na itinerância como discípula de Jesus pelos carinhos onde a missão me chama.

Senti, ao longo dos três anos, muita comunhão da Igreja no Brasil, expressa através de tantos gestos solidários, sem tirar o mérito de que a CRB foi e continua sendo mãe no sentido de apoiar, escutar e marcar presença em todos os momentos. Sou profundamente grata por isso.

Nossa convivência com as outras congregações brasileiras foi outro ponto alto na missão. Formamos uma grande família do Brasil solidário com o povo do Haiti, rezamos, confraternizamos, ajudamo-nos mutuamente. O problema de uma era o problema de todas, a alegria de uma era a alegria de todas, foi muito intensa a nossa convivência.

A Conferência dos Religiosos de Santo Domingo (Condor) foi uma presença muito acolhedora e fraterna, fez por nós tudo que podia,

principalmente nos momentos em que necessitávamos de cuidados médicos e compra de alguma coisa para os projetos em desenvolvimento.

O carisma de cada congregação, com seus respectivos fundadores e fundadoras, me conferiu uma experiência muito forte, pois todos se fundamentam da vida de simplicidade, alegria, tendo como protagonistas os pobres, preferidos de Deus. Jesus Cristo é o ápice, o centro, a base fundante de cada carisma.

A celebração do dia de cada fundador e fundadora nos enriqueceu e nos uniu a ponto de criar a ladainha contemplando todos(as) nossos(as) fundadores(as). Eles(as), com seu colorido próprio, nos imbuíram da itinerância evangélica. Foi uma experiência rica na Comunidade Intercongregacional. Com certeza, no final do projeto, celebraremos a sementeira que fizemos nesta terra prometida por Deus, onde a vida clama e pede socorro. Esta rica experiência nos ajudou em muitas outras travessias.

Vida religiosa consagrada: “*o que fazer?*”

PE. ALFREDO J. GONÇALVES, CS²

A insistente pergunta “*O que fazer?*” – quando se põe em debate a tão alardeada crise da Vida Religiosa Consagrada (VRC) – sofre de um duplo risco. De um lado, remete a um certo saudosismo dos tempos em que a Igreja sentia-se protagonista privilegiada dos acontecimentos históricos. Tempos que, por sua vez, nos levam ao triunfalismo medieval de uma hierarquia eclesiástica aliada aos senhores do poder. De fato, desde a “conversão” do imperador Constantino, no século IV, a aliança Estado-Igreja, trono-altar ou cruz-espada conferia ao Cristianismo o *status* de religião oficial do Império Romano. Com isso, os príncipes da Igreja desfrutavam de posses, honras e privilégios antes desconhecidos, e muito menos imagináveis pelos seguidores de Jesus de Nazaré.

Convém não esquecer que o embrião do que hoje se chama VRC nasce, precisamente, na contramão desse estado de coisas. Os padres e madres do deserto, no monarquismo antigo e medieval, rejeitavam tal estrutura de privilégio e domínio, tentando, longe dos centros de poder, um estilo de vida mais autêntico, sintonizado com a Boa-Nova do Evangelho e com a experiência das primeiras comunidades cristãs, quando estas eram

2 Sacerdote religioso da Congregação dos Missionários de São Carlos (Scalabrinianos). Nasceu no ano de 1953, na Ilha da Madeira, Portugal, de onde migrou para São Paulo, Brasil, em 1969. Como sacerdote religioso, trabalhou junto aos migrantes de favelas, cortiços, periferias, fronteira de Brasil, Paraguai e Argentina e zona rural. Ocupou sucessivamente os cargos de Diretor do Centro de Estudos Migratórios de São Paulo (CEM), Assessor da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) e Superior Provincial da Província São Paulo. Hoje, em Roma, exerce a função de Vigário Geral da Congregação. Endereço postal: Via Ulisse Seni 2, 00153 – Roma – Itália.

impiedosamente perseguidas por aqueles que, agora, procuravam defendê-las e protegê-las, ampliando o raio de influência do Cristianismo. Na visão dos precursores daquilo que viria a ser a futura VRC, o *status* de credo oficial da sociedade – ou “cristandade”, na era medieval – constituía um perigo de uma religião sem a experiência da fé, do encontro real e íntimo com Jesus Cristo. Em outras palavras, o risco de passar da fé viva a uma religião estruturada do ponto de vista doutrinal e moral. As “conversões” de massa faziam suspeitar de uma verdadeira instrumentalização e manipulação da herança cristã.

O segundo risco está ligado ao próprio conceito de “fazer”. Ao longo do tempo, o *fazer* na VRC tomou o lugar do *ser*. Na concepção de “ser”, estava implícita e centralidade da experiência de Deus e o encontro pessoal e íntimo com a Boa-Nova do Evangelho, bem como a dimensão da comunhão e da convivialidade. Quando tal concepção é superada pela ideia do “fazer”, verifica-se um deslocamento da primazia da ação do Espírito na vida pessoal e comunitária para o afã irrequieto e irrefreável de multiplicar obras e atividades. Depois, com o advento da Revolução Industrial, o fascínio sedutor do produtivismo e da produtividade crescentes começa a fazer parte da própria VRC, tornando-se às vezes sua dimensão privilegiada. Como pretexto, valia o fato de o Instituto ter sido fundado com uma perspectiva apostólica. Toma-se a parte pelo todo, o secundário pelo essencial.

Os critérios da produção em velocidade, próprios da economia capitalista, cada vez maior invadem comunidades e institutos. Esse deslocamento explica a frenética corrida de não poucas congregações de VRC ao acúmulo de obras em diversos campos: assistência social, saúde, educação, promoção humana, entre outros. A multiplicação das obras torna-se a unidade de medida do grau de incidência e de eficácia na VRC. Pior ainda, o valor de tais atividades – as quais, no fundo, conduzem bem cedo ao ativismo puro e simples – longe de representar a ação do Espírito na Igreja, passa a ser atribuído ao mérito e capacitação pessoal, ou à eficiência deste ou daquele Instituto. Disso resultam as obras de caridade batizadas com nomes de missionários(as), não raro ainda em vida.

A abertura ao espírito como centralidade da VRC, a verdadeira espiritualidade, bem como a formação de comunidades vivas e vivificantes, tudo isso passa a um segundo plano. No processo formativo, começa-se a preparar religiosos e religiosas não primeiramente para o encontro com o Senhor e a vida em comum, mas, de forma progressiva, para uma série de atividades de ordem prática, específica, e mesmo técnica. Nasce e cresce a busca de um profissionalismo às vezes exacerbado, no qual é notória a disputa por cursos, seminários, mestrados, doutorados e outros títulos a serem

exibidos com um certo orgulho, no sentido de uma capacitação adequada aos “desafios dos tempos modernos”.

Nada contra as atividades ligadas à caridade imediata e à promoção da dignidade humana. Menos ainda contra a preparação adequada para tais serviços urgentes e necessários. O problema é que não raro essas ações se converterem, pouco a pouco, no centro mesmo da VRC. Deixamos de lado o essencial: formar espelhos vivos que possam revelar o rosto oculto de Deus no meio da sociedade. Fermento na massa, semente na terra, tesouro escondido no campo. Esquecemos que a razão de ser da VRC reside, em primeiro lugar, no ato de ser luz e transparência do amor e da compaixão do Pai.

“Justamente a compaixão se desdobra em obras de caridade, em ações concretas” – se apressam a dizer alguns, citando a carta de Tiago sobre a “fé e as obras”. Certo, mas tais obras, sem a experiência de uma intimidade profunda e permanente com o Senhor, passam a ser vistas como empenhos e realizações próprias. Não terão vida longa e, além disso, tendem a desencadear contendas e disputas acirradas. O que é importante ter claro é que, nós, religiosos e religiosas, e, em última instância, todos os batizados, não somos a fonte do bem, da luz, da liberdade, do belo e da transfiguração da história. A exemplo da lua, limitamo-nos a transmitir a luminosidade que vem do astro rei, que é o sol. Por isso é que, se pretendemos testemunhar o amor de Deus, origem e fonte de toda luz, é necessário estar em contato vivo com o “calor de sua casa”. Caso contrário, tornar-nos-emos talvez bons profissionais da saúde, da educação, dos direitos humanos etc., mas não homens e mulheres de Deus.

E aqui torna-se oportuno introduzir outro dado. Mais do que profissionais da caridade, as pessoas, as comunidades cristãs e o povo em geral nos procuram devido à sua sede do divino. Não podemos ter ilusões a esse respeito. Hoje em dia, encontram-se bons e honestos profissionais em toda parte, muitos dos quais melhor preparados do que aqueles que optaram pela VRC. Isso, evidentemente, não nos impede de desempenhar determinadas tarefas de ordem específica, necessária e concreta. Mas essas atividades não podem servir de pretexto para protelar ou esquecer o que é essencial à VRC. Caso contrário, em lugar de religiosos(as), transformamo-nos em bons funcionários.

Vale concluir que, em termos de VRC, o que nos nutre em profundidade não são as atividades desempenhadas em nome do carisma, por mais importantes e intransferíveis que elas sejam. Tampouco nos nutrem os conceitos intelectuais elaborados a partir da razão iluminista e suas argumentações, e

tampouco os conceitos teológicos sobre a história da salvação. O que nutre de fato e mantém de pé a vocação à VRC e, em última instância, a vocação de todo cristão batizado, é o encontro pessoal com Jesus. Encontro regular, perseverante, tanto nos momentos de alegria quanto nos momentos de tristeza e fracasso. "Eu e o Pai somos um", dizia o próprio Jesus, em uma transparência luminosa de sua intimidade com Deus. Luminosidade que se revelava em sua prática missionária e evangelizadora.

É justamente essa transparência, a qual se reflete no rosto de quem busca a luz do sol, que se refletirá igualmente nas relações interpessoais, na vida comunitária e, claro, na ação missionária ou nas obras de caridade e solidariedade junto aos pobres e excluídos. O tempo dedicado à oração e meditação junto à "casa de Deus" não é tempo subtraído à missão, e sim tempo que a qualifica. Reveste-a de uma "auréola invisível", de uma significatividade nova e bem mais profunda. De longe, o povo percebe quando um(a) religioso(a) leva consigo essa "auréola", a qual, diga-se logo, não vem do esforço e do suor pessoal, mas nos é dada gratuitamente como dom de Deus. Com isso, pode ser que diminuamos a quantidade das atividades, mas estas ganharão em qualidade.

Aqui é preciso desfazer a ideia de que um ritmo acelerado é sinal de compromisso e doação. Pode até sê-lo. Mas pode também ser sinal de fuga do rosto do Senhor, como lemos no Livro de Jonas. O vazio interno, ou o receio de permanecer a sós consigo mesmo e com Deus, leva a preencher as horas do dia com uma série sem trégua de ações. O mais importante é abrir-se ao ritmo do Espírito que, de forma oculta, mas real, age na história através de nossa disponibilidade e de nossas ações concretas.

Quem são os pobres hoje?

WAGNER LOPES SANCHEZ¹

“Neste nosso terceiro encontro expressamos a mesma sede, a sede de justiça, o mesmo grito: terra, casa e trabalho para todos”.²
(Francisco)

Essa frase, em epígrafe, expressa bem o desejo dos milhares de pobres espalhados pelo mundo inteiro. Pobres que são excluídos das condições mínimas de vida não têm pão, casa, terra e trabalho. Pobres que estão a exigir de todos(as) nós um novo olhar, gestos de solidariedade mínima e a busca de uma nova sociedade.

A pergunta: “quem são os pobres, hoje?” exige de nós uma capacidade para olhar quais são as pessoas que, hoje, concretamente não têm pão, casa, terra e trabalho. Mas exige também de nós coragem para enfrentar os desafios de uma realidade a ser transformada.

Em 1979, os bispos latino-americanos reunidos em Puebla, na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, procuraram identificar as diversas feições de Cristo sofredor presente nos pobres: “Esta situação de extrema pobreza generalizada adquire, na vida real, rostos muito

1 Wagner Lopes Sanchez é mestre em teologia e mestre e doutor em ciências sociais. É professor no Programa de Estudos Pós-Graduados de Ciência da Religião, vinculado ao Departamento de Ciência da Religião, da PUCSP. É autor de artigos e livros publicados nas áreas de teologia e ciência da religião e um dos organizadores do *Dicionário do Concílio Vaticano II* (Paulus-Paulinas, 2015).

2 Início do discurso do Papa Francisco, na abertura do III Encontro Mundial dos Movimentos Populares, no dia 2 de novembro de 2016, no Vaticano.

concretos, nos quais deveríamos reconhecer os traços de Cristo Sofredor, o Senhor que nos questiona e interpela”.³ Segundo esse documento, as feições dos pobres eram de indígenas, camponeses, operários, marginalizados e aglomerados urbanos, de subempregados e desempregados, de jovens, de crianças e de anciãos.

A opção preferencial pelos pobres, assumida por essa Conferência, não foi apenas uma manifestação altruísta e sensível em favor dos pobres, mas um compromisso profético da Igreja latino-americana, em consonância com o Evangelho, de se colocar ao lado dos pobres, denunciando a injustiça e defendendo os seus direitos na construção de uma sociedade mais justa.

O Documento da V Conferência, realizada na cidade de Aparecida, em 2007,⁴ elencou os rostos daqueles que sofrem, no número 65: comunidades indígenas e afro-americanas, mulheres excluídas em virtude de diversas razões, jovens, pobres desempregados, migrantes, deslocados, agricultores sem-terra, crianças submetidas à prostituição infantil e crianças vítimas do aborto. O Documento elenca também, logo a seguir, no mesmo número, outros tipos de pessoas que sofrem:

Preocupam-nos também os dependentes das drogas, as pessoas com limitações físicas, os portadores e vítimas de enfermidades graves como a malária, a tuberculose e HIV-AIDS, que sofrem a solidão e se veem excluídos da convivência familiar e social. Não esquecemos também os sequestrados e os que são vítimas da violência, do terrorismo, de conflitos armados e da insegurança na cidade. Também os anciãos que, além de se sentirem excluídos do sistema produtivo, veem-se muitas vezes recusados por sua família como pessoas incômodas e inúteis. Sentimos as dores, enfim, da situação desumana em que vive a grande maioria dos presos, que também necessitam de nossa presença solidária e de nossa ajuda fraterna.

Mas, o que mais chama a atenção é que o *Documento de Aparecida*, referindo-se ainda aos excluídos, afirma que estes “não são somente ‘explorados’, mas ‘supérfluos’ e ‘descartáveis’”.

Na sociedade do hiperconsumo,⁵ onde tudo se submete à lógica desenfreada do consumo, e onde só tem valor quem pode consumir, o

3 Utilizamos aqui o número 20 do texto provisório das conclusões de Puebla, publicado no Brasil, imediatamente após a III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, pelas Edições Paulinas (São Paulo, 1979). O documento definitivo, com a chancela da Santa Sé, foi publicado posteriormente com alterações significativas em relação ao texto provisório.

4 CELAM. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe. *Documento de Aparecida*. Brasília-São Paulo: CNBB-Paulus-Paulinas, 2007.

5 LIPOVETSKY, Giles. *A felicidade paradoxal*. Ensaio sobre a sociedade do hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

supérfluo, o desnecessário, é um valor fundamental; o descartável é uma decorrência de um processo cultural que penetra em todas as esferas da vida social. Por isso os pobres “não contam” e, por isso, podem muito bem ser descartados.

Desta forma, a cultura do descarte atinge a vida dos pobres ao impor que estes podem ser descartados. É essa cultura do descarte que Francisco denuncia como danosa aos seres humanos, sobretudo daqueles que são excluídos: “Estes problemas estão intimamente ligados à cultura do descarte, que afeta tanto os seres humanos excluídos como as coisas que se convertem rapidamente em lixo”.⁶

A invisibilidade dos pobres

Hoje, podemos observar a construção de um discurso que visa “invisibilizar” os pobres. Isso se faz pela negação dos seus direitos fundamentais sob o argumento de que o Estado não tem condições de atender a todas as suas demandas por educação, saúde, moradia etc. Não sendo possível “tirar” os pobres da nossa frente, procura-se negar os seus direitos. A defesa do Estado mínimo é o argumento que nega aos pobres o direito de existir dignamente. A negação dos direitos dos pobres sob a alegação de que eles são “muito caros” ao Estado e à sociedade é a forma neoliberal de torná-los invisíveis, como se não existissem.

Essa invisibilidade dos pobres faz parte de uma estratégia desumana que procura descartá-los como pessoas humanas e como cidadãos. É a lógica da cultura do descarte levada às últimas consequências.

Zygmunt Bauman, um autor muito atento e crítico das condições de vida da sociedade atual, referindo-se aos excluídos, afirma que eles “tornaram-se supérfluos, imprestáveis, desnecessários e indesejados”.⁷

O que esse autor afirma sobre os migrantes/refugiados, na mesma obra, é muito oportuno para refletirmos sobre as condições de vida dos pobres em geral: “[eles] são destituídos de Estado, mas num novo sentido: sua condição de sem Estado é alçada a um nível totalmente inédito devido à inexistência de uma autoridade estatal à qual sua cidadania possa referir-se”.⁸

6 FRANCISCO. Carta Encíclica *Laudato Si'* (LS) sobre o cuidado da casa comum. Documentos Pontifícios 22. Brasília: Edições CNBB, 2015, n. 22.

7 BAUMAN, Zygmunt. *Vidas despedaçadas*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, p. 55.

8 *Ibidem*, p. 96.

Os pobres são aqueles que são destituídos de políticas públicas efetivas que possibilitem condições mínimas e adequadas sob o argumento de que o Estado não tem condições de atender a todas as demandas dessas pessoas.⁹

Os pobres são justamente “aqueles que não contam” e que por isso podem ser considerados supérfluos, descartáveis. Acontece que os pobres não são invisíveis, são reais, concretos, e estão aí, na rua e à nossa porta para questionar aqueles e aquelas que querem ignorá-los ou não querem reconhecer os seus rostos.

A criminalização dos pobres

Faz parte também da estratégia de tornar os pobres invisíveis a atitude de criminalizar muitas das suas reações consideradas como inadequadas.¹⁰ Há uma tendência de torná-los culpados pela condição de pobreza em que vivem, com um discurso capaz de fazê-los acreditar que são responsáveis, individualmente, pela exclusão.

Os diversos movimentos sociais estão se deparando com essa situação de criminalização dos pobres. Quando saem da invisibilidade, os pobres tornam-se estorvo e percebem que não cabem neste modelo social, a não ser pela exclusão. Há também, de modo geral, um “consentimento” social sobre a necessidade de mantê-los fora do espaço de circulação dos que produzem e consomem bens e serviços. Para alterar essa situação, são essenciais enquanto articuladores e propulsores de novas alternativas sociais que apontam para um novo horizonte.

Entre os pobres, hoje, podemos identificar dois grupos que merecem um olhar mais atento das igrejas cristãs: os jovens e os migrantes. Embora cada qual com sua especificidade, a razão fundamental do descarte desses dois segmentos está diretamente vinculada ao processo de globalização.

Os jovens

A juventude é a faixa etária quando os sonhos e as utopias se constroem. É a juventude que sempre está à procura do novo e que carrega um potencial de mudança, de transformação.

9 No Brasil, exceção a isso foi o período de 2003 a 2015, em que tivemos significativos avanços sociais reconhecidos inclusive por organismos internacionais.

10 Zigmunt BAUMAN, op. cit., p. 55.

A rebeldia, como característica da juventude, é um componente importante e que sempre está a nos dizer que a história não pode ser feita da mesmice das gerações passadas e que, portanto, é preciso avançar sempre com um olhar para o futuro.

No Brasil, a juventude sempre teve um papel muito importante nos movimentos sociais. Podemos lembrar da efervescência dos anos 60, na luta contra a ditadura militar nos anos de chumbo, as manifestações de rua de 2013 e o movimento de ocupação de escolas públicas em protesto contra a Reforma do Ensino Médio, no ano de 2016. Segundo Novaes, no Brasil só a partir dos anos 1980 é que as demandas da juventude passaram a ser levadas a sério: “a partir desse momento, os ‘problemas dos jovens’ tornaram-se motivo de preocupação de governos e organizações da sociedade civil”.¹¹

Todos esses movimentos podem ser explicados de diversas formas, mas um olhar mais atento pode nos ajudar a compreender o potencial que os jovens têm enquanto sujeitos históricos importantes. Esse olhar é aquele que tem a ver com as expectativas dessa parcela da população quanto ao futuro e, principalmente, que este futuro precisa ser construído desde já, e com a participação desta parcela da população.

Os jovens querem avançar nos seus sonhos de se qualificarem no âmbito da educação, chegando ao ensino superior, e no âmbito da sua inserção no mundo do trabalho. As péssimas condições da escola pública, apesar do avanço que tivemos no acesso ao Ensino Superior público nos últimos anos no Brasil e o aumento do desemprego, têm frustrado as suas expectativas.

Os jovens são sujeitos de direitos e como tais devem ser vistos pela sociedade civil, pelo governo e pelas igrejas. Precisamos ter consciência de que as principais demandas da juventude nos dias atuais nos remetem à desigualdade social e às próprias políticas de má distribuição de renda. Se a desigualdade social e a má distribuição de renda revelam uma dívida com a maioria pobre da população, isso se agrava ao falarmos dos jovens que vivem na pobreza.

Ao contestarem as políticas de Estado a seu respeito – educação, saúde, segurança – os jovens estão contestando as próprias estruturas sociais centradas na desigualdade social e no autoritarismo.

11 NOVAES, Regina. Juventude: políticas públicas, conquistas e controvérsias. In: BEOZZO, J. O. e FRANCO, C. B. *Juventude em foco: por políticas públicas inclusivas em trabalho, educação e cultura*. São Paulo: CESEEP-Paulus, 2013.

A presença dos migrantes – do norte da África, de países latino-americanos e de haitianos – nas grandes cidades brasileiras – e pelo mundo afora – revela o vínculo dos atuais movimentos de migrações com o processo de globalização da economia.

O processo de globalização, ao excluir países que não fazem parte do núcleo central do sistema, acentua a desigualdade social, a miséria e a violência. Isso explica em parte o intenso fluxo de deslocamentos forçados de pessoas em várias áreas do planeta. Esse fluxo obrigatório é o refúgio da globalização.¹² Já que essas áreas marginais estão fora dos interesses da globalização, elas são descartadas juntamente com os povos que aí estão.

O movimento que os migrantes fazem no sentido de encontrar melhores condições de vida e esperança para viver é um grito que reivindica o direito de existir minimamente em um mundo onde eles estão, *a priori*, descartados.

As condições humilhantes a que são obrigados a viver nos diversos países, às vezes de maneira clandestina, e as condições degradantes dos campos de refugiados, revelam o lado sombrio da globalização. Eles são os fora da lei. O clima de xenofobia, presente em muitos países nos dias de hoje, reforça essa ideia.

Os migrantes exigem o direito de serem cidadãos em um mundo que não os reconhece como tais, e reivindicam ser reconhecidos em um mundo em que não são vistos, já que são considerados descartáveis e supérfluos. Eles são hoje “pessoas sem”: sem casa, sem-terra, sem educação, sem saúde, sem sonhos.

Um olhar profético a ser lançado sobre os migrantes revelará que eles são hoje um dos sinais dos tempos e que exigem de nós uma resposta corajosa e efetiva do ponto de vista da solidariedade e do ponto de vista político.

Os migrantes, além de fazerem parte da memória do povo abraâmico, são aqueles que trazem em suas vidas “as sementes do Verbo”.¹³ Ser solidário com esses migrantes é um gesto concreto de compromisso profético com os pobres e um outro mundo mais próximo dos valores do Reino de Deus.

12 BAUMAN, Zimunt. op. cit., p. 81ss.

13 CONCÍLIO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes* (AG), n. 11b.

Para refletir

1. Quem são os mais pobres e excluídos hoje?
2. Além da pobreza, que outros problemas sociais e ambientais devem ser superados com urgência?
3. Por que, apesar de mais de dois milênios de cristianismo, existem tanta desigualdade social no planeta?

O olhar de Comblin sobre a Vida Religiosa Consagrada

ALZIRINHA SOUZA¹

Introdução

Para mim, falar do teólogo belgo-brasileiro José Comblin (1923–2011) é sempre um grande prazer. Não somente por ser ele o autor principal de minha tese doutoral (a primeira em nível de doutorado realizada sobre seu pensamento na UCL de Louvain, o que por si só seria suficiente), mas também por um dos fatores que mais me encantam em Comblin, que é a atualidade de seu pensamento, bem como seu senso de percepção da realidade.

Talvez as gerações mais novas que estão na Vida Religiosa Consagrada não o conheçam ainda. O teólogo José Comblin chegou ao Brasil em 1957 como padre *Fidei Donum*, esperando participar de uma Igreja viva que nascia na América Latina. Engajou-se efetivamente no contexto latino-americano de tal forma que jamais desejou voltar para sua terra natal, a Bélgica, a não ser para visitar sua família, oriunda de Bruxelas, e participante ativa da Paróquia da Santíssima Trindade, no bairro de Ixelles, onde cresceu.

Inseriu-se na realidade brasileira, inicialmente acadêmica, exercendo a docência em Bíblia em São Paulo, Campinas, e no Chile. Depois de chegar

¹ Alzirinha Rocha de Souza, Leiga, Doutora em Teologia pela *Université catholique de Louvain* (Bélgica) – Professora de Teologia Sistemática ITESP-SP e pós-doutoranda da PUC-SP. E-mail : alzirinharsouza@gmail.com.

ao Recife em 1965 para compor a equipe de Dom Helder Câmara, somou-se à docência exercida nestes anos na fundação do Instituto de Teologia do Recife (ITER), a experiência pastoral que iniciara como assessor de um grupo de operários em Campinas, dedicando-se às Comunidades de Base e à formação dos leigos e leigos missionários no Nordeste brasileiro. Uma característica marcante, entre tantas outras, era a facilidade que tinha em traduzir elementos complexos da teologia para um público muito simples, fazendo ao mesmo tempo uma reflexão a partir de suas realidades. Se tomarmos o método Ver-Julgar-Agir, diria que Comblin era especialista em “Ver” as situações do mundo, perscrutando a realidade com um olhar crítico e buscando ver mais à frente.

Por isso, escrevia com propriedade sobre o que vivia, e vivia as alegrias e as tristezas do povo pobre do agreste brasileiro, que veio a ser com o passar dos anos o rosto do destinatário de sua reflexão. Sua obra é densa e ampla. Sua reflexão, aguçada em examinar e conhecer com detalhes as realidades às quais se referia, levava-o não poucas vezes a antecipar as transformações do futuro.

Para alguns, Comblin poderia ser um eterno insatisfeito e eventualmente duro em suas posições, o que era agravado por sua postura tímida, assertiva, própria de um legítimo belga: crítica e, por vezes, irônica. E ainda bem que assim o foi. A liberdade que possuía de ser um padre incardinado na Arquidiocese de Mallines-Bruxelas, de onde nunca se desligou, permitia-lhe falar livremente sobre temas proibidos aos demais devido à condição política e eclesial dos anos 60 a 80. Exercitava sua profecia proferindo a palavra *parriasta*, verdadeira, nos momentos em que lhe era necessário pronunciá-la.

Como afirmam seus companheiros de caminho e de teologia, sua postura profética levava-o a denunciar as incoerências eclesiais sem jamais pensar em deixar a Igreja. Antes o fazia porque a amava e queria vê-la refletindo atitudes concretas de discípulos e discípulas de Jesus. Criticava os sistemas políticos e econômicos de nosso tempo porque estes, algumas vezes associados, a seu ver, à própria Igreja, contradiziam o mais profundo do Evangelho ao arrastar a pobreza e tirar a dignidade humana de um grande número de pessoas. Em coerência com sua fé e com sua compreensão de teologia como serviço, dedicou sua vida à formação dos pobres, especialmente dos leigos, como caminho e processo de libertação a partir do Evangelho de Jesus.

Por essa razão, aliada à consistência de sua teologia, sua opinião era frequentemente requisitada, o que faz com que o conjunto de sua obra se caracterize também por sua densidade e amplidão. Neste texto, especificamente, foi-me solicitado um estudo sobre o pensamento de Comblin

acerca da Vida Religiosa Consagrada. Respeitando a linha editorial da Revista, tomei por metodologia apresentar alguns elementos-chave de Comblin para o tema a partir de artigos anteriores e diretamente relacionados com ele² que o próprio autor publicara aqui, concernentes ao período de 1992 a 2007. Estes seis artigos escolhidos revelam os pontos centrais constituintes e as inquietações de Comblin sobre a Vida Religiosa Consagrada, nos quais procuro incluir alguns pontos a partir de minha experiência de docente no ITESP-SP, que me permite conviver com alunos(as), em sua maioria religiosos(as).

1. A missão como fundamento da Vida Religiosa Consagrada

Não há dúvidas de que, para Comblin, todo cristão – e, por conseguinte, todo religioso – é essencialmente um missionário. Contudo, a relação missão e Vida Religiosa Consagrada se apresenta como um problema quando esta última deixa de ser missionária e é encoberta pelos mecanismos notadamente posteriores ao Concílio de Trento. Recuperando a história da missão no desenvolvimento da evangelização, constatamos que esta nasce eminentemente missionária. Paulo, missionário por excelência, evoca como fonte de legitimidade de sua missão a sua escolha direta por Jesus Cristo. Atuando independentemente de Pedro, realiza a verdadeira missão do cristão centrada no anúncio da Boa-Nova de Jesus, assumindo todos os riscos e o despojamento necessários àquele que se dispõe a ser servidor de sua Palavra.

Como consequência da fundação de um “império cristão” por Constantino, houve uma decadência da Igreja tradicional. Em reação a esse momento, nasce o movimento monástico: os monges foram agentes de evangelização desde o século IV, formando novas igrejas irradiadas pelo seu modelo de vida independente das igrejas atingidas pela entrada de convertidos que procuravam os favores do Império. Por isso, os monges estabeleceram-se fora das cidades e desses modelos de Igreja. Nasce um movimento de volta às origens do Cristianismo e da missiologia paulina, lutando contra as decisões romanas para a Igreja como a acusação de iconoclastia e o excesso de intelectualidade grega no pensamento cristão.

A crise da Igreja feudal e o fracasso de respostas a ela no período de Inocêncio III deram abertura para a renovação da evangelização pelos

2 Vide relação bibliográfica ao final do artigo.

Monges Mendicantes, em especial franciscanos e dominicanos, que inicialmente receberam do Papa a permissão de pregar e reunir os cristãos. Fundaram as primeiras igrejas, que durante anos tiveram muito mais sucesso do que as igrejas paroquiais, que se conservavam pelo Batismo e casamento, sendo todo o restante realizado nas igrejas dos mendicantes, uma vez que estas se adaptaram melhor à realidade das cidades nascentes. Na América Latina, em particular, houve dois modelos de evangelização. O primeiro se deu pelo modelo de extensão (compreendido como acultural e apologético, extensão da cultura e pensamentos romanos), e o segundo, que Comblin denomina “outro modelo”, se deu com a chegada dos franciscanos (Doze Apóstolos conduzidos por Frei Martinho de Valência, 1524), munidos de quase todos os poderes dados por Leão X para a fundação de novas igrejas independentes e nacionais. Em seguida, os jesuítas assumem esse modelo como as reduções.

Em contrapartida, o período tridentino oferece um modelo eclesial centralizador a tal ponto que o movimento missionário fica ofuscado, quase liquidado. A evangelização nesse período é compreendida eminentemente como extensão da Igreja Romana nos diferentes contextos que atinge, e os monges passaram a ser utilizados para a reevangelização permanente de paróquias e dioceses pelo ministério dos frades. Na rivalidade que se instituiu entre regulares e seculares, seguramente o contato com o povo de maneira não autoritária deu aos monges o espaço por excelência do processo de evangelização popular. A América Latina é exemplo claro de que a evangelização supõe a missão, uma vez que as estruturas tradicionais estabelecidas não conseguem nem manter a si mesmas, e quando desaparecem os missionários, a evangelização de indígenas, pobres e negros é praticamente deixada de lado.

Propostas de desafios “atuais”

Dentro da evolução eclesial na América Latina, apresenta-se uma tensionalidade entre o posicionamento da teologia latino-americana desde Medellín e a posição romana. De um lado, Medellín relê o Concílio a partir de sua realidade, identificando a necessidade de conversão e evangelização dos pobres que até agora não haviam sido devidamente atendidos em suas especificidades. De outro lado, instaura-se, sobretudo nos anos do papado de João Paulo II, a recuperação de um episcopado sem o espírito profético que trouxesse no seu seio evangelizadores e missionários (Comblin, 1992, p. 224). Os novos bispos se colocam, segundo Comblin, como administradores de dioceses e representantes da Igreja romana. A encíclica *Redemptoris Missio* (RM) de 1990 não toca em temas que fazem referência

à realidade tais como Ação Católica, leigos, missões e/ou missionários. Ao contrário, estes são substituídos pelos movimentos, tidos como os missionários do mundo moderno (Comblin, 1992, p. 224).

Nesse contexto, a questão primordial que Comblin se faz é: serão os movimentos os verdadeiros evangelizadores do mundo moderno? Teriam eles bases estreitas para estabelecer contatos, alargar espaços, alcançar pessoas das mais diversas vertentes? Não seria essa uma aposta infundada e contraditória ao que se propõe? Não estão eles refugiados em seus fundadores e em guetos que insistem em defender a fé de um mundo moderno? Eles não parecem ter a capacidade ou estar dispostos a penetrar na cultura moderna.

A realidade atual nos mostra.

Mediante a missão, como ficam os(as) religiosos(as)?

A importância da relação com a Vida Religiosa Consagrada se dá à medida que se compreende que missão e Igreja são duas realidades distintas. Com certeza, intimamente ligadas, mas distintas, ao passo que correspondem a atos distintos do Espírito Santo. Efetivamente, a Igreja não cresce como um vegetal ou como uma instituição jurídica por expansão. A Igreja cresce pela missão, e missão por excelência é a que ultrapassa os limites de cultura e de governo de uma Igreja particular. Por princípio, missão busca espaços ainda não descobertos e não evangelizados, razão pela qual está na origem de uma nova Igreja local, onde o missionário é o instrumento privilegiado que colabora com o Espírito em sua fundação. Uma Igreja nova é um ente novo, e não parte de uma Igreja anterior. Por isso, há um momento em que a missão termina e deve ir a outros espaços. Nesse sentido, missão e ser missionário são um carisma específico na Igreja; nem todos os seus membros são chamados a ser missionários, nem são delegados de uma Igreja local.

A missão é necessária cada vez que aparece um mundo novo, uma cultura nova, uma sociedade nova que as Igrejas estabelecidas não conseguem penetrar. A própria Encíclica *Redemptoris Missio* (n. 37) reconhece a dificuldade de penetração da Igreja em novas culturas. Nos dias atuais, o Papa Francisco vem dando sinais de seu desejo de estreitar laços com as culturas asiáticas.

A questão é que, segundo Comblin, para trabalhar na missão, o cristão é escolhido pelo Espírito e não pela Igreja, devendo sentir-se inteiramente livre em relação à sua Igreja de origem, livre dos costumes, das comodidades, das estruturas, das tradições pré-determinadas. Ele deve fazer-se servidor do Evangelho e não servidor da Igreja que deixou para trás. A liberdade é condição *sine qua non* de toda missão, a exemplo do apóstolo Paulo.

Resta ainda a questão de Comblin: hoje, os institutos e congregações missionárias formam efetivamente missionários? Ou estes assumiram ao longo dos anos os papéis dos seculares e voltaram-se para suas obras sociais, escolas, hospitais, entre outros, estando de tal modo presos em suas estruturas, comodidades e paróquias, que deixaram de ser em essência missionários?

Desde Medellín, acrescento eu à reflexão *combliniana*, os desafios não somente cresceram, como também se tornaram mais complexos. Como ser missionário hoje, em pleno século XXI, frente ao crescimento das Igrejas neopentecostais, à desestruturação das CEBs (e podemos pensar que o primeiro é consequência da segunda), à ausência da presença cristã católica em áreas típicas de missão? A complexidade da linguagem e dos recursos tecnológicos, as exigências dos recursos materiais que eliminam a perspectiva humana e a substituem por um consumismo desenfreado, as novas tecnologias que produz hoje o homem pós-orgânico, as novas posturas éticas e morais que impõem novos comportamentos e formas de relacionar-se, tudo isso são realidades novas com as quais a estrutura das paróquias seguramente não dará conta de estabelecer diálogo.

2. A Vida Religiosa Consagrada: estrutura, expectativas, experiências e limitações modernas

Em 1993, Comblin analisa o quanto Santo Domingo, com a desculpa de estar sendo preparado um Sínodo, ignorou a situação dos religiosos no continente. Ora, as intenções da Cúria Romana para o Sínodo possuíam linhas claras de tratamento para o tema: a partir da Congregação, que era naquele momento dirigida por um membro da *Opus Dei*, para os religiosos, indicando, segundo Comblin, que “com certeza a Cúria Romana estima que os religiosos não estivessem suficientemente estruturados, nem disciplinados” (p. 326). Insistir em estrutura e obediência é buscar reduzir todos os religiosos a uma só categoria regida pelo direito, o que de certa maneira se torna um mecanismo de defesa contra a anarquia, a dispersão, as heresias ou os cismas.

Contudo, para Comblin, o maior perigo da Vida Religiosa Consagrada naquele momento era efetivamente sua irrelevância, a falta de influência e impacto sobre a sociedade, seja para o bem, seja para o mal. De um modo geral, esta é uma das últimas opções em que os jovens hoje pensam quando se aborda o tema religioso. Está fora de cogitação em princípio e lhes parece contra a vida “moderna” entrar em estruturas de obediência e disciplina. Ora, nem os colégios, os hospitais, as creches etc., mantidos

e administrados por essas instituições, exercem alguma influência sobre aqueles que os usam. Não raramente, as instituições de ensino católicas recebem alunos de outras denominações religiosas, que aí são enviados porque prestam um bom nível de ensino.

O fato é que, dentro desse contexto, Comblin apresenta algumas interpelações ou questionamentos para essa irrelevância da Vida Religiosa Consagrada no contexto atual. A primeira trata da falta de entusiasmo por parte daqueles que aí já estão engajados. O enfraquecimento do ardor missionário, que era o fim a ser buscado desde os fundadores, vê-se atropelado por novas funções e atribuições, que deveriam ser meios para a evangelização. A ausência de um projeto concreto, claro e específico de atualização das origens do fundador, é o maior indício de mescla entre meio e fim. A Vida Religiosa Consagrada torna-se uma abstração e uma fórmula barata que leva à acomodação dos que estão dentro dela e ao desânimo dos que um dia sonhavam aí estar (Comblin, 1993, p. 327).

Da mesma maneira, decorrendo daí a segunda inquietação, é importante separar o que é a Vida Religiosa Consagrada do que é a estrutura da Vida Religiosa Consagrada. A Vida Religiosa Consagrada é missão, é possibilidade nova de anúncio do Evangelho, e não um modelo. A estrutura por vezes tende a transformá-la em um modelo previsto sem imprevistos, sem paixão, sem a consideração da realidade mutante na qual estamos todos inseridos. Não compreender essas diferenças pode, segundo Comblin, levar uma pessoa a desejar se engajar não em uma vocação específica, mas em um modelo geral de Vida Religiosa Consagrada. Modelos podem empolgar em um primeiro momento e tornar-se saturantes ao longo da vida, unicamente porque pessoas não são modelos únicos e ser religioso é ter uma vocação específica que pressupõe, sobretudo, o respeito à ação do Espírito de Deus em contato com aqueles que se abrem à sua dinâmica de forma diversificada.

Por isso, e daí provém a terceira interpelação, o risco que também correm hoje as congregações é, ao abandonarem seus fundamentos e suas vocações, deixarem-se entrar no mecanismo de mercado, de individualismo e individualidade que perpassam hoje a sociedade. De todos os efeitos econômicos, burgueses, que podem invadir esses espaços, o mais devastador é a dilaceração do senso de comunidade, de luta conjunta e de realidade. Não reconhecer honestamente em que realidade e sociedade se encontram os religiosos é não ter como compreender a sociedade que muitas vezes as próprias congregações mais antigas ajudaram a construir. Para Comblin, esses religiosos não são vocacionados para a burocracia, para a

individualidade, para os mecanismos de mercado; ao contrário, eles o são para sinalizarem outra sociedade possível, para estarem na contramão da modulação comercial, utilitária e individualista da sociedade, ou seja, para estarem na maré do Evangelho, que tem como onda central os pobres.

É nesse sentido que, na América Latina, as conferências do CELAM ressaltam de Medellín a Aparecida a centralidade evangélica dos pobres (*opção preferencial pelos pobres*), que deve ser constantemente atualizada no momento histórico em que nos encontramos. Hoje, diferentemente de 20 anos atrás, os desafios de conscientizar os pobres e sua luta mudaram. Em uma era eletrônica, de neoliberalismo exarcebado, de novos paradigmas econômicos, como, por exemplo, o da ecologia, não é mais possível anunciar-lhes o Evangelho como há 20 anos. A que ponto os religiosos devem readequar suas vidas “neoliberais” para poderem hoje anunciar o Evangelho àqueles que ainda são os excluídos da sociedade? Estamos a ponto de pensar que comunidades que insistem no trabalho com os pobres é que são as excluídas do anúncio do Evangelho? Talvez. A teologia presente na missão não pode ser suplantada por ecônomos, pastoralistas desconectados do Evangelho. Neste caso, a teoria deve necessariamente fazer jus à sua prática. Como podem eles reinventar-se para as demandas atuais? (Comblin, 1993, p. 333). E acrescento eu: eles estariam dispostos a isso? Ou estão demasiadamente presos aos atuais esquemas em nome de uma subjetividade excessiva, isto é, de um exagerado olhar sobre si mesmos, que não permite perceber a realidade externa; de uma autorreferencialidade excessiva que anula o sentido próprio da vida religiosa? A pergunta que Comblin se faz é: Como traduzir em uma vida moderna o equivalente das grandes opções de monges e frades antigos e das mulheres consagradas do passado? O que significa o Evangelho para pessoas cuja primeira preocupação é a realização pessoal, sua felicidade subjetivamente percebida? Como sair da acomodação proposta pelas estruturas romanas, que foi agravada pelo subjetivismo? (Comblin, 1993, p. 333).

3. Os votos são meios, não fins

Na decorrência da terceira interpelação, posta no ponto anterior, Comblin reflete como vivências as exigências da Vida Religiosa Consagrada, especialmente os votos de castidade, pobreza e obediência em contexto de pós-modernidade subjetivista.

Um primeiro aspecto que destaca é a sacralização da Vida Religiosa Consagrada no sentido de que religiosos passaram a ser considerados

“semideuses” ou, no mínimo, aqueles que estão mais próximos de Deus. Ora, para alguns foram considerados verdadeiros objetos religiosos e na cristandade foram tratados efetivamente como objetos: a eles pedem-se orações e bênçãos, muitos pensam que sua palavra pode ser milagrosa, especialmente em contextos aos quais o clero secular não chega. Nesse sentido, a hierarquia secular se aproveitou desse fato e os religiosos igualmente souberam tirar proveito, comportando-se dessa maneira.

Ora, tendo por princípio *combliniano* que a Vida Religiosa Consagrada é essencialmente missionária e vocacionada, nada mais sem razão que a objetificação desta. Contudo, há algo mais essencial ainda que deve vir antes dos dois: o amor. O sinal da vida cristã não é o sagrado, e sim o amor (Comblin, 2004, p. 83).

Na mente popular, o que fazia a santidade era a consagração, e não o amor; e o que faz o religioso para o povo de Deus não é o amor, mas os votos. Ledo engano, que, ao que parece, até mesmo os religiosos – ao confundirem o que é a Vida Religiosa Consagrada com sua estrutura – acabaram por assumir. Para todo cristão, a única realidade, o único valor, é o amor. Nesse sentido, questiona-se Comblin: a consagração e os sinais não teriam substituído o amor essencial do cristianismo? (Comblin, 2004, p. 82). A consagração, tal como é posta atualmente, dando aos religiosos privilégios de segurança total, autoridade, o *marketing* religioso, a disfunção de sua atuação, o afastamento da caridade e por vezes da inserção no mundo dos pobres, não seria um sinal contraevangélico?

Os votos não representam a experiência, mas o que está englobado na experiência da vivência amorosa que se presume antes de assumi-los. É necessário sempre passar do nível dos votos ao nível da vivência da caridade e jamais permitir que o contrário aconteça (Comblin, 2004, p. 84). Logo, o desafio aos religiosos hoje é quase “ontologicamente cristão”: como ser cristão (viver a caridade) e ser religioso? Como equilibrar a estrutura formal e a inserção experiente da caridade?

Estritamente falando, o celibato não é um conselho dado por Jesus. Ele constata o fato, mas não apela a ninguém que faça isso. Paulo o aconselha em circunstâncias bastante próprias; para ele, aliás, a perfeição encontra-se na caridade, e não no celibato. Também não se explica por que a pobreza levaria à caridade. Jesus convida a dar os bens e ajudar os pobres, e não para entrar em estado de pobreza. Pobreza não garante a caridade. Há muitos pobres que não a praticam. Como dizia Dom Luciano Mendes: nós amamos os pobres, mas eles têm defeitos como qualquer pessoa. O mesmo vai para a obediência. Às vezes ela serve exatamente como desculpa para não praticar a caridade, conforme revela a parábola do samaritano misericordioso. Se tomarmos o texto de 1Cor 13,2-3, como observa Comblin, esse trecho poderia ser substituído

por: “Ainda que fizesse os votos de castidade, pobreza e obediência e os praticasse perfeitamente, se não tivesse a caridade, eu não seria nada” (Comblin, 2004, p. 88). O que importa não é emitir os votos, mas vivê-los precedidos pela caridade.

A Vida Religiosa Consagrada vem de outra vertente: vem de Deus criador, por intermédio da natureza das pessoas que têm sentimentos religiosos distintos. Há aqueles que vivem esse sentimento de maneira muito mais evidente e intensa. Contudo, a menor ou maior sensibilidade religiosa é independente da caridade e santidade. Cada cristão é chamado a vivê-las, não por seu estado, mas por ser primeiramente cristão. Os primeiros monges apareceram independentes da Igreja. Não se sabe como, mas sabe-se que não viviam em comunidades cristãs e buscavam a Deus nos desertos, e somente muito depois isso foram configurados como se nos apresentam atualmente. A busca da realização da vocação cristã exige uma resposta de inteligência e vontade, uma conversão da vida, e não pode ser influenciada; ou o apelo é interior e ele existe, ou não existe. E nem são os votos que o farão existir. De certo modo, a busca constante de conciliar Vida Religiosa Consagrada e caridade, nas diferentes épocas da História da Igreja, não exclui em nenhum momento sua essência; ao contrário, ela procura atualizar sua vivência nas diferentes épocas da Igreja.

Diferentemente do declarado no Direito Canônico, a Vida Religiosa Consagrada é bastante mais ampla e a mais profunda experiência amorosa do Evangelho. Esses códigos são de inspiração medieval e seguramente não é o retorno a essas estruturas que vai permitir o aprofundamento dessas experiências (Comblin, 1993, p. 335). Definir a Vida Religiosa Consagrada pelos votos não quer dizer nada; é pura formalidade canônica para entrar em uma categoria canônica. Na origem das congregações e institutos não está a pertença, e sim a caridade. A formulação jurídica veio muitas vezes da hierarquia e não era desejada pelos fundadores (vide o caso extremo de Francisco de Assis). A ideia imposta era de reduzir as iniciativas e canalizá-las para um modelo único como se os carismas e a ação do Espírito de Deus pudessem ser unificados (Comblin, 2001, p. 60).

4. Interrogantes sobre o lugar dos religiosos na Igreja e no mundo

O carisma especial dos religiosos está na radicalidade: a pessoa, obra (no sentido mais amplo) de caridade. A questão de fundo do pensamento de Comblin pode ser traduzida em: Onde na Igreja e no mundo se situam aqueles que fizeram essa opção radical?

A partir da segunda metade do século XX, as funções tradicionais dos religiosos foram deslocadas a outros grupos. A educação e saúde passaram a grupos de leigos. O papel religioso propriamente dito tal como a comunicação da fé ativa no mundo do trabalho, o testemunho, a direção espiritual de grupos e associações, a formação cristã, a pregação de retiros para sacerdotes e bispos, enfim, quase tudo foi transferido e está sendo cada vez mais assumido por movimentos. Seguramente, ainda existem religiosos que se dedicam a essas atividades, porém em menor proporção. A questão é que os movimentos assumem tais funções a partir daquilo que são e de como se colocam na sociedade: subjetivistas e desconexos da realidade, constituindo ilhas de espiritualidade, estados de refúgios privilegiados (Comblin, 2001, p. 54).

Contudo, Comblin não quer afirmar que os religiosos sejam inativos. Acontece justamente o contrário: eles se ocupam e muito daquilo que não lhes cabe e em um nível em que não mereciam estar dentro das estruturas eclesiais e paróquias. Agem como se tapassem buracos na Igreja. Falta mão de obra nas paróquias, dioceses e pastorais: aí entram religiosos e religiosas, via de regra sem nenhum projeto próprio (Comblin, 2001, p. 55). Posições não definidas levam à perda de suas identidades e do sentido de suas vocações, uma vez que, em lugar de evangelizar, se tornam administradores de comunidades. Ao aceitarem paróquias, os religiosos deixam a hierarquia sem necessidade de assumir suas responsabilidades. Perdem-se suas especificidades, como perguntar qual a missão deles na Igreja? Alguns diriam que a questão é o número. Mas a questão de fundo para Comblin é efetivamente o que cada grupo, assumindo sua própria identidade, carisma, caridade e missionaridade, poderia fazer por aquilo que lhe é próprio: evangelizar.

Ora, fora do espaço eclesial, esses grupos devem necessariamente aprender a lidar com a diversidade que trazem em si todas as pessoas com as quais têm contato. Elas trazem problemas próprios, mentalidades próprias, e a forma e o cuidado da presença cristã em meio a elas não devem ser improvisados (Comblin, 1994, p. 415). Daí decorre o segundo cuidado a ser tomado com a subjetividade. Cada um se apresenta como um sujeito único, ainda que as demandas sejam idênticas. Efetivamente, a unicidade da pessoa não pode ser confundida com subjetivismo. Unicidade de problemas e de leituras da realidade não impede de constituir comunidade para sobrepensá-los. Não se trata de pastoral de massas, mas de suplantar as distâncias que se impõem à custa de uma autorreferencialidade egoísta.

Para tanto, é preciso que o Evangelho leve as pessoas efetivamente à experiência da liberdade. A liberdade trazida pelo individualismo é falsa, é

induzida a uma autonomia que não se realiza. O exercício da liberdade se dá não consigo mesmo, mas em contato com o outro. Hoje, em nome de uma liberdade individualista em meio a tantas ofertas, muitos não sabem o que escolher, experimentando tudo e nada porque o que vem de fundo é o autoritarismo de vontade. A proposta do Evangelho é a liberdade na caridade, no serviço e na partilha. As escolhas brotam respeitando as individualidades, em função da comunidade.

É necessária, para isso, uma espiritualidade concreta, vivida e experienciada. É ela que vai permitir e suportar a prática da vida cotidiana e vice-versa. Cada carisma religioso traz uma maneira prática de colocar o Evangelho na vida, em uma situação específica, em um tempo específico, no meio de condições bem definidas (Comblin, 1994, p. 417). E uma espiritualidade somente pode oferecer respostas se for em primeiro lugar vivenciada plenamente por aqueles que a assumem. Não basta a disciplina passiva dos noviciados clássicos em que as regras são bem definidas pelos superiores e não sofrem nenhuma possibilidade de infração. Isso não leva ninguém à preparação efetiva para o mundo exterior, a perceber se está efetivamente no lugar e de que maneira deve estar para realizar suas missões.

Conclusão

A teologia de José Comblin é contemporânea e contextualizada, e os pontos que destacamos neste artigo demonstram isso. Mesmo se foram escritos em período anterior, creio que todos se adequam perfeitamente aos dias atuais. Trabalhando alguns deles em retiros que preguei em duas congregações, os resultados foram bastante pertinentes como se tivessem sido escritos atualmente. Contudo, suas constatações não anulam o esforço de milhares de religiosos que já vivem com autenticidade e seriedade a vocação que assumiram.

A experiência da vivência cristã deve ser constantemente revista e repensada à época atual para que o Evangelho se faça vivo no mundo, e a Palavra se transforme efetivamente em “carne” através de cada cristão, que, por meio de seus testemunhos, a atualiza na história. Do contrário, transforma-se em palavra morta e livro sem vida. Ora, o repensar constante, a percepção do mundo que deve ser evangelizado e as formas de fazê-lo por essa porção do povo de Deus são um constante desafio. Reinventar constantemente a vivência da Vida Religiosa Consagrada é quase um esforço heroico nos dias de hoje. Creio que a pergunta de fundo maior que Comblin nos deixa pode ser resumida em: vale ainda a pena essa vivência?

Se sim, mãos à obra para o constante cuidado e para os desafios que se apresentam atualmente em um mundo tão complexo!

Para refletir

1. Analisando a Congregação à qual você pertence, quais pontos de proximidade e divergências você poderia ressaltar em relação à compreensão de Vida Religiosa Consagrada apresentada no texto?
2. De que forma, hoje, em sua realidade, o exercício da Vida Religiosa Consagrada pode retomar a responsabilidade da missão?
3. Tendo em consideração os itens 3 e 4 do texto, como você considera os trabalhos realizados por sua Congregação?

Bibliografia

COMBLIN, José. *Igreja, Missão e Religioso*. Revista *Convergência*, 252, 1992, p. 214-226.

_____. *Algumas interpelações aos religiosos depois de Santo Domingo*. Revista *Convergência*, 264, 1993, p. 326-337.

_____. *Alguns desafios da cidade aos religiosos*. Revista *Convergência*, 275, 1994, p. 414-421.

_____. *Ser Igreja HOJE, Reflexões para religiosos(as)*. Revista *Convergência* 339, 2001, p. 50-64.

_____. *Os interrogantes da Vida Religiosa no Século XXI*. Revista *Convergência*, 370, 2004, p. 76-95.

São Vicente de Paulo, místico e profeta da caridade missionária 1617-2017: 400 anos do carisma vicentino

VINÍCIUS AUGUSTO RIBEIRO TEIXEIRA, C.M.¹

Em 2017, a Família Vicentina celebra o Ano Jubilar dos 400 anos de atuação de seu carisma. Trata-se da memória agradecida de um ano emblemático (1617), quando se deram as experiências mais marcantes e decisivas na definição do perfil espiritual e missionário de São Vicente de Paulo e de suas obras. Experiências de encontro com os pobres e de confronto com a situação de abandono espiritual e privação material em que se achavam tantas pessoas na França do século XVII. Iluminados pela fé, os acontecimentos se converteram em interpelações do Espírito, tocando profundamente a consciência de Vicente de Paulo e despertando-o para o acolhimento de uma graça que o levaria a dedicar toda sua vida à evangelização e ao serviço dos pobres. Assim, quis reunir ao redor deste belo e exigente projeto leigos e leigas, Padres, Irmãos e Irmãs, todos abrasados pelo mesmo ideal caritativo-missionário.²

1 Presbítero da Congregação da Missão (Vicentinos ou Lazaristas). E-mail: viniciusaugustocm@gmail.com.

2 *Carisma* é um dom de Deus que capacita a pessoa para o exercício de sua missão em favor da comunidade. Na raiz grega da palavra (χάρισμα), encontra-se o substantivo *cháris* (χάρις), que significa *graça, favor, dom*, e o verbo *cháiro* (χαίρω), traduzido por *alegrar-se, regozijar-se*. A etimologia evidencia dois aspectos fundamentais do termo *carisma*, ambos corroborados pela perspectiva bíblica (1Cor 12-13; Rm 12,3-8): trata-se de uma iniciativa inteiramente gratuita da parte de Deus que chama a pessoa a realizar-se na vivência do amor que se faz doação e serviço aos outros (Sobre a noção bíblico-teológica de carisma, vale apreciar: LIBANIO, João Batista. *Deus Espírito Santo*. São Paulo: Paulinas, 2000, p. 81-92. Ver também: OLIVEIRA, José Lisboa Moreira de. *Teologia da Vocação: temas fundamentais*. 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2000, p. 83-111). Tratando-se do tema aplicado à VC, intuições originais e pertinentes podem ser colhidas de: ROY, Ana. *O beijo de Deus: provocações à Vida Religiosa Consagrada*. Brasília: CRB, 2000.

Não só para sua Família, como também para toda a Vida Consagrada (VC), a figura de São Vicente resplende como uma estrela luminosa no firmamento da Igreja. Um dom particular do Espírito lhe foi confiado. Ele o intuiu, aprofundou e transmitiu.³ Dessa graça singular, brotou uma forma específica de seguir Jesus Cristo, acentuando sua missão de evangelizar e servir os pobres (Lc 4,18). O carisma vicentino se define como um modo próprio de viver o Evangelho e de participar na missão da Igreja, chamada a voltar-se para os pobres com a predileção que seu Mestre e Senhor devotou aos menores de seus irmãos (Mt 25,40). Neste artigo, tentaremos demonstrar como a mística e a profecia que se irradiam do itinerário percorrido por São Vicente de Paulo podem nos impulsionar a trilhar as veredas da caridade e da missão. Assim, estaremos em sintonia com o que a Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) nos propõe para os próximos anos, convidando-nos a “fortalecer a integração entre mística e profecia, com coração ardente e pés de peregrino(a), de olhos abertos e ouvidos atentos às novas fronteiras de missão, acolhendo os impulsos do Espírito, no seguimento missionário de Jesus”.⁴

1. O mistério de uma vida

Foi em 1580 (ou um ano depois, não se sabe ao certo) que ele veio ao mundo, nascido no seio de uma família simples, empenhada na própria subsistência.⁵ Dos seis irmãos, Vicente era o terceiro. Cabia-lhe a tarefa de cuidar do rebanho. E o fez até a idade de 15 anos, quando deixará a calmaria do campo para aventurar-se nos estudos, incentivado por seu pai. Partiu, então, para a cidade de Dax, não muito longe de sua terra natal. Ali, recebe as primeiras instruções escolares. Torna-se, mais tarde, preceptor dos dois filhos de um advogado, iniciando-se assim na faina educativa. Anos depois, já em Paris, voltará a exercer este ofício junto aos filhos de outra família, os Gondi, sedimentando seu talento pedagógico. O mesmo advogado, que o acolhera como hóspede em Dax, será também seu primeiro benfeitor, estimulando-o na carreira eclesiástica, tida à época como meio eficaz de

3 Sobre o *carisma de fundador*, como experiência peculiar do Espírito, proporcionalmente comunicada àqueles que se sentem atraídos por um mesmo projeto de vida, descoberto e discernido como caminho de santidade, cf. CIARDI, Fabio. *In ascolto dello Spirito*. Ermeneutica del carisma dei fondatori. Roma: Città Nuova, 1996, p. 25-83.

4 Prioridades do Plano Trienal 2016-2019.

5 Para os dados biográficos deste tópico, tomamos como referência básica a alentada obra de J. M. Román. *San Vicente de Paúl*. Biografía. Madrid: BAC, 1981.

ascensão socioeconômica. As ambições desta primeira etapa de sua trajetória serão, no futuro, assunto que sua temeridade não lhe permitirá sequer nomear. Embora identificado com a vocação sacerdotal, que lhe parecia ser mesmo a sua, as intenções e propósitos de Vicente ainda teriam que passar por um vigoroso processo de decantação e aperfeiçoamento.

Já ordenado (1600), dedicou-se com afinco à conclusão de seus estudos teológicos, frequentando a Universidade de Toulouse. Tocava-lhe também a responsabilidade de dirigir um pensionato para jovens estudantes, aos quais devia orientar. Sua aplicação intelectual acompanhará Vicente de Paulo por toda a vida, dando-lhe condições de discernimentos mais acurados, reflexões mais consistentes e intervenções mais arrojadas em favor dos pobres, da Igreja e da paz social. Seu esforço em manter-se atualizado era acolitado pelas boas leituras que o enriqueciam. Muitos episódios o demonstram emblematicamente: a engenhosa organização dos serviços prestados nas regiões depauperadas pelas guerras, as clarividentes objeções à doutrina jansenista, as insistentes solicitações junto às autoridades pelo restabelecimento da concórdia nacional (particularmente em 1649, por ocasião da guerra da Fronde). A tudo isso, somam-se a lucidez e a prudência com que acompanhará o florescimento de suas fundações, deixando-lhes Regras e Regulamentos de notável densidade espiritual e incontestável alcance prático.

Ano de 1608. Padre Vicente se estabelece em Paris, à procura de uma posição favorável e de um rendimento honesto, que lhe possibilitassem remediar a situação de sua família e assegurar um futuro cômodo para si. Contudo, os sucessivos infortúnios e dissabores a que se viu exposto levaram-no a refletir em profundidade sobre suas buscas, a reconsiderar seus objetivos e a corrigir seus intentos, ainda tão limitados aos estreitos cálculos humanos. Como um dos capelães da Rainha Margot, podia divisar o fastidioso contraste entre a frivolidade da vida palaciana e os pavorosos abismos de miséria em que jaziam os que diariamente batiam à porta. Acusado injustamente de roubo e mergulhado em penosa noite escura, achou-se duramente provado no que tinha de mais precioso: sua retidão e sua fé. Não demorou a intuir a necessidade de um novo projeto de vida, balizado por ideais mais elevados e comprometedores, desprovido de condicionamentos mesquinhos e concretizado nos esforços que uma fé mais robusta haveria de inspirar-lhe. Auxiliaram-no a sabedoria e a santidade daqueles homens de Deus que se lhe afiguravam como personificações do que se sentia chamado a ser: Pierre de Bérulle, André Duval e Francisco de Sales. Pastores de comprovadas virtudes, cujos perfis se definiam pela integridade humana, solidez espiritual e zelo apostólico. Incentivado por

essas benfazejas influências, que se imprimiriam para sempre nas tábuas de seu coração, Vicente decide fixar seu olhar em Jesus Cristo, encontrando nele seu referencial de humanidade e a bússola orientadora de seu ministério. Deste progressivo enraizamento em Cristo, logrará colher a seiva da confiante entrega à vontade de Deus e de uma visceral compaixão pelos pobres, descobertos inicialmente nos hospitais e nas ruas parisienses, debatendo-se entre a vida e a morte. Com o passar do tempo e cada vez mais resolutamente, o jovem sacerdote trocará “os interesses enganadores e as motivações terrenas pelas máximas evangélicas que não decepcionam, ficando livre para viver em Cristo, como o apóstolo Paulo, e fazer de Jesus o centro de sua vida e a ‘regra da Missão’”.⁶

O encontro pessoal com Jesus Cristo tornou-se a mola propulsora da liberdade de Vicente de Paulo, enriquecendo-a pelo amor e dilatando-a para o serviço. Desenvolve, então, uma nova forma de compreender a si mesmo, de situar-se na história, de relacionar-se com Deus e com as pessoas. Assim, prosseguirá em seu caminho de humanização e santidade, depurando suas motivações, firmando-se em novas convicções e lançando-se de uma vez por todas nas estradas da caridade missionária, onde se deparará a todo instante com homens e mulheres socialmente agredidos e religiosamente descartados, sobre os quais debruçará seu coração samaritano, erguendo os caídos e derramando em suas feridas o bálsamo da misericórdia recebida do Senhor, que o transformara em homem novo e a quem desejava configurar-se para sempre, continuando sua missão de evangelização e serviço.⁷ As experiências pastorais vividas em Clichy (1612), Folleville (1617), Châtillon (1617) e Montmirail (1620), em movimento crescente, darão testemunho desta verdade: as carências materiais e espirituais ecoavam no coração de Vicente, inquietavam sua consciência e mobilizavam suas ações, associando-o à obra de salvação do Filho de Deus, ungido “para anunciar a Boa-Nova os pobres” (Lc 4,18). Os pobres, “membros aflitos de Nosso Senhor” (SV XII, 87), seriam doravante seu *peso* e sua *dor*. Anos depois, dirá a seus Coirmãos, com o calor de um coração apaixonado, que devemos “atender às necessidades de nosso próximo como se fôssemos apagar o fogo” (SV XI, 31).

6 GROSSI. *Um místico da Missão, Vicente de Paulo*. 2ª ed. Belo Horizonte: Congregação da Missão, 2016, p. 311.

7 Sobre este processo de conversão empreendido por Vicente de Paulo, em resposta aos impulsos da graça, reflete um autor: “O coração de Vicente de Paulo começa a sair de sua pequena periferia, começa a ampliar-se, começa a entrar decididamente neste caminho da vida que desce de Jerusalém para Jericó, onde vão ficando os espoliados, os feridos, os massacrados, os marginalizados, os excluídos, as vítimas do sistema enfim. E, conseqüentemente, chega à conclusão de que os pobres não são um passatempo piedoso ou benéfico, ou uma estatística incômoda para a boa sociedade, mas uma dolorosa paixão, uma terrível pergunta de Deus à qual é preciso responder com urgência e audácia” (FERNÁNDEZ, Celestino. *El pobre en el corazón de San Vicente*. VV.AA. *La experiencia espiritual de San Vicente de Paúl*. 35ª Semana de Estudios Vicencianos. Salamanca: CEME, 2011, p. 512).

Vicente de Paulo já não era o mesmo. E não voltará a sê-lo. Seus anseios, preferências e labutas, transpassados pela fé e inflamados pela caridade, atestavam a *virada copernicana* efetuada em sua vida. “Ele soube tirar proveito das provações e tentações. Estas lhe fizeram ver que devia antepor os interesses do Reino aos seus, o que significa uma renúncia às realidades terrenas para imbuir-se da mística do desprendimento evangélico”.⁸ Depois dos primeiros passos de seu percurso, ritmados por tentativas, fracassos e redimensionamentos, procurará pisar sempre nas pegadas de Jesus Cristo, aberto às *surpresas do Espírito*, com o olhar voltado para os que se achavam nas *periferias existenciais da vida*, às margens da sociedade e da Igreja de seu tempo.⁹ Nos clamores dos pobres, Vicente passaria a escutar a voz do Senhor a interpelá-lo naquele contexto de tantos desequilíbrios socioeconômicos que fizeram do século XVII o *século da pobreza*, com seus alarmantes índices de mortalidade infantil, analfabetismo, fome, doenças físicas e psíquicas etc. A pedagogia de Deus conduziu Vicente de Paulo aos empobrecidos. Sua radical opção pelos últimos não se restringirá a um frêmito de indignação ética ou a uma articulada ideologia política. A fé é que lhe dará condições de *ver Cristo nos pobres e os pobres em Cristo*, reconhecendo-lhes a dignidade, assistindo-os em suas carências, denunciando as injustiças que os vitimavam, colaborando na mudança dos rumos da sociedade e sintonizando a Igreja com as exigências do Evangelho, segundo as imorredouras palavras do Senhor: “Todas as vezes que fizestes isso a um desses mais pequenos, que são meus irmãos, foi a mim que o fizestes!” (Mt 25,40). Tornou-se lapidar sua aplicação dessa passagem evangélica: “Não devo considerar um pobre camponês ou uma pobre mulher segundo seu exterior, nem segundo o alcance de seu espírito (...). Mas virai a medalha e vereis, pela luz da fé, que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é representado por esses pobres (...). Ó meu Deus, como é belo ver os pobres, se os consideramos em Deus e na estima que Jesus Cristo teve por eles” (SV XI, 32).

De mãos dadas com outros homens e mulheres, todos cativados pelo mesmo ideal caritativo-missionário, Padre Vicente caminha cada vez mais firmemente no seguimento de Jesus Cristo, aprimorando suas relações, ampliando sua ação, aquilatando-se humanamente. Como não lembrar aqui os indispensáveis parceiros que a Providência pôs a seu lado: Margarida

8 ORCAJO, Antonino. San Vicente de Paúl, místico de todo tiempo. *Anales de la Congregación de la Misión y de las Hijas de la Caridad*, Madrid, tomo 116, n. 2, mar./abr. 2008, p. 147.

9 “Se tivesse faltado o espírito de Jesus Cristo a Vicente de Paulo, não teríamos o místico que fala da abundância do coração e que, depois de evangelizar com palavras e obras, se retira ao recinto mais íntimo de seu coração para falar com o Pai do céu sobre assuntos da terra” (ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tiempo, p. 156).

de Silly, Luísa de Marillac, Antônio Portail, Margarida Naseau e tantos outros. O terreno se fez receptivo à fecundidade da bênção. A liberdade se entrelaçou à graça. E os frutos se multiplicaram em abundância para deleite de muitos. As realizações de Vicente o mostram. Recordemos ao menos as mais relevantes:

- Seu diuturno empenho na **evangelização**, no **serviço** e na **promoção** dos pobres, por meio das missões nos campos, da assistência aos indigentes na convulsiva capital francesa, da presença de consolo e esperança junto aos condenados das Galeras, das 13 casas de acolhimento a crianças abandonadas (mais de 300 eram deixadas nas ruas de Paris a cada ano), do estabelecimento de pequenas escolas, das inúmeras campanhas de socorro às regiões arrasadas pelas epidemias e guerras, com suas nefastas consequências de miséria, exploração e morte. Frente à carência material e à ignorância religiosa, com inteligência e discernimento, Vicente de Paulo assume a missão e organiza a caridade, integrando-as em um só movimento e tornando-as sempre mais inventivas, porque nascidas de um amor sincero, gratuito e audaz.
- A fundação e consolidação de suas três grandes obras: as **Confrarias da Caridade** (1617), que logo se espalharam por muitas regiões da França; a **Congregação da Missão** (1625), que, por ocasião de sua morte, já tinha se estendido a vários países da Europa (Polônia, Itália, Irlanda, Escócia) e da África (Argélia, Tunísia e Madagascar); e, unido à Santa Luísa de Marillac, a **Companhia das Filhas da Caridade** (1633), com mais de 60 casas erigidas na França e na Polônia. A todos estes grupos e a muitos de seus membros em particular, Padre Vicente dirigia regularmente sua palavra esclarecida, sobretudo através de cartas, conferências e colóquios, instruindo-os e formando-os, qual hábil pedagogo, na assimilação dos valores e exigências da vocação específica que o Senhor lhes deu.
- O ingente esforço de **reforma do clero** (a partir de 1628), por meio dos retiros para os que seriam ordenados (mais de 12 mil os fizeram), das Conferências das Terças-feiras (prolongamento dos retiros, em vista de uma formação contínua) e da fundação de seminários nas dioceses (mais de 20). Iniciativas que contribuíram decisivamente para renovar a face da Igreja, gerando pastores santos e sábios para o serviço do Reino.
- Sua lúcida e audaciosa participação no conceituado **Conselho de Consciência** (1643-1652), a partir do qual lhe era dado opinar sobre a escolha dos bispos para as dioceses francesas, mas também tornar conhecida a situação dos pobres, defender-lhes os direitos e solicitar

providências cabíveis. Padre Vicente estava mesmo convencido de que não lhe era suficiente ser justo sem empenhar-se na promoção da justiça em uma sociedade como aquela em que lhe coube viver. Por isso, não hesitou em pedir abertamente ao primeiro ministro, Cardeal Richelieu, uma intervenção mais destemida pelo fim da guerra. Não titubeou no momento de opor-se à política exploradora do Cardeal Mazarino. Solicitou ao Papa Inocêncio X uma medida em favor da paz durante a Fronda, fazendo-se o porta-voz das dores e esperanças dos pobres.¹⁰

- Sua intensa e fecunda **atividade epistolar**, que o levava a interagir com pessoas as mais diversas (ao longo de seus anos, Vicente teria escrito aproximadamente 30 mil cartas), e a **orientação espiritual** concedida a padres, religiosos e religiosas, leigos e leigas de várias esferas sociais.

Sabemos, porém, que estas não eram atividades meramente funcionais, estanques, frenéticas, desprovidas de referenciais seguros e finalidades claras.¹¹ Em Vicente de Paulo, o *fazer* é irradiação do *ser*. Todas as suas realizações e empenhos se mostravam alinhados ao horizonte mais amplo de sua experiência espiritual: nasciam de sua busca constante da vontade do Senhor, modelavam-se pelo frescor de sua comunhão com Cristo e se direcionavam para a caridade missionária. Em tudo, Vicente procurava discernir os apelos de Deus, nas pessoas e nos acontecimentos, particularmente na sorte dos pobres e nas necessidades da Igreja, seguindo passo a passo as indicações da Providência, harmonizando sua fé e sua experiência. Como testemunha L. Abelly, primeiro biógrafo do ardoroso pai dos pobres: “Em todas as suas ações, seu espírito estava continuamente atento à presença de Deus”.¹² Vale aqui a ilustração, devidamente aplicada à experiência de São Vicente: assim como o impacto de uma queda d’água é regulado pela altura de sua proveniência, do mesmo modo a eficácia de uma vida apostólica deve ser medida pela altura e pela profundidade da fonte que a origina e nutre.

No dia 27 de setembro de 1660, alquebrado pelas traiçoeiras moléstias que lhe debilitavam o corpo octogenário, mas sobretudo coroado dos méritos que a caridade e a missão lhe impuseram, Vicente de Paulo se deixou conduzir aos prados eternos, onde seu coração encontraria enfim o ansiado descanso. De lá, plenificado pelo amor que o cativou e impeliu, contempla-nos e encoraja-nos a passar pelo “*grande sertão*” da história, abrindo novas “*veredas*” de esperança.

10 FERNÁNDEZ. El pobre en el corazón de San Vicente, p. 523-524.

11 Sobre as obras e feitos de São Vicente e o espírito que dinamizava suas ações, vale conhecer o excelente artigo do Padre R. Maloney: Conjuguar la acción y la contemplación: una clave para entender a Vicente de Paúl. *Vincetiana*, Roma, año 44, n. 2, mar./abr. 2000, p. 175-192.

12 ABELLY, Louis. *La vie du vénérable serviteur de Dieu Vincent de Paul, instituteur et premier supérieur général de la Congrégation de la Mission*. Paris: Florentin Lambert, 1664, tomo III, p. 49.

Em que sentido alguém pode ser considerado místico? Há muitas respostas possíveis para esta pergunta. A ninguém escapa, porém, que algumas características definem substancialmente uma pessoa marcadamente mística, dotada de vigorosa interioridade, habitada por convicções profundas, iluminada por ideais elevados, dinamizada por uma consciência esclarecida. E tudo isso se exprime em uma consistente fibra moral, em uma personalidade equilibrada e em uma práxis coerente e perseverante. No horizonte da fé cristã, todo místico se distingue por sua familiaridade com o mistério de Deus, por sua apaixonada identificação com Jesus Cristo, por sua docilidade às moções do Espírito. Nessa perspectiva, mística é a pessoa que se reconhece alcançada e envolvida por um amor que a encanta e compromete, aclarando seu entendimento, mobilizando sua vontade e empenhando sua liberdade. Este amor não se confunde com uma força cósmica, um sentimento fugaz ou um conceito abstrato. Este amor pessoal é Deus mesmo, que se oferece como dádiva, como fonte de sentido verdadeiro, permitindo ao ser humano a graça imerecida e a alegria indizível de experimentá-lo, acolhê-lo e conhecê-lo, sem, contudo, esgotá-lo. A experiência de Deus, o acolhimento de seu amor e o conhecimento de seu mistério se desenvolvem no seguimento de Jesus Cristo e na receptividade aos dons do Espírito. A mística cristã não é uma realidade meramente interior, não se restringe a arroubos emotivos, nem exige fenômenos sobrenaturais para testificar sua autenticidade e eficácia. A densidade de uma mística se verifica sobretudo no exercício das virtudes teologais, em uma fé confiante, em uma esperança dinâmica, em um amor oblativo. Dito de outra maneira, embora germine nas profundezas do ser, a mística produz e oferece seus frutos na vida cotidiana, na tessitura das relações interpessoais, no procedimento ético, na palavra transparente, na entrega generosa de si mesmo, no testemunho convicto e convincente da verdade.¹³ Mística é, portanto, mistério de graça e liberdade, de dom e compromisso, de oferta e acolhida, no qual a fineza da iniciativa do Senhor se alia ao ser humano que a ele se abandona.

Na trajetória de São Vicente de Paulo, delinea-se uma mística do mais alto quilate, uma profunda e radical experiência de Deus e uma visceral assimilação dos sentimentos e atitudes de Jesus Cristo, alentadas em um

13 Inequivocamente, os místicos “acolhem, consciente e livremente, o dom do Espírito. Vivem, ao impulso da fé, da esperança e do amor teologal, a indignação ética, a compaixão solidária, o compromisso ativo, a perseverança e a alegria, no serviço humilde aos irmãos. Acolhem com gratidão a experiência de uma presença, a contemplação saborosa do mistério que lhes trabalha o coração” (GROSSI. *Um místico da Missão*, p. 297).

processo gradual de conversão e comprovadas na fidelidade inquebrantável de uma vida inteiramente doada à evangelização e ao serviço dos pobres. São Vicente trilhou os caminhos de Deus, porque primeiro Deus percorreu os caminhos de sua história, iluminando-lhe a estrada, encorajando seus passos, corrigindo desvios, indicando novos percursos, fazendo do homem ambicioso e inquieto de outrora um singular “instrumento de sua imensa e paternal caridade, que quer estabelecer-se e dilatar-se nas almas” (SV XII, 262). A percepção interior desse mistério configurou a mística de Vicente, dando-lhe um coração capaz de se enternecer diante das misérias de seu tempo e de perscrutar os apelos da Providência em cada encontro ou confronto que a vida lhe proporcionava. Foi o que se deu, por exemplo, em Gannes-Folleville (janeiro de 1617), no encontro com um pobre camponês desejoso da paz que só o perdão de Deus poderia lhe conceder e no confronto com o abandono espiritual do povo do campo. A fé permitiu ao Padre Vicente intuir o apelo a entregar sua vida à evangelização dos pobres, unindo-se a outros sacerdotes igualmente tocados pela situação. Em Châtillon-les-Dombes (agosto de 1617), outro retrato da carência humana, o encontro com uma família inteira debilitada pela doença e desprovida do elementar a uma sobrevivência digna. Confrontado com a indignância e edificado com a generosidade espontânea de tantos, Vicente capta o apelo do Senhor a uma caridade inteligente, compassiva e organizada. Ainda o encontro com o zeloso bispo de Beauvais (1628) e o confronto com o estado de imoralidade e ignorância em que boa parcela do clero se via lançada. Foi o suficiente para que o Espírito lhe revolvesse as entranhas e o guiasse, por sendas até então intocadas, a um titânico empenho de reforma do estado eclesiástico, de cuja eficácia o futuro dará testemunho. Na leitura contemplativa dos acontecimentos e em suas respostas audazes às interpeleções deles advindas, refulgem a fibra heroica da fé de Vicente de Paulo e o viço de sua mística.

Em São Vicente, descobrimos um autêntico místico, um abalizado mestre espiritual, um *contemplativo na ação e na oração*, que soube reconhecer e secundar a ação da Divina Providência em sua vida e na história, transmitindo com diligência aquilo que contemplava.¹⁴ O empenho caritativo deste homem esquecido de si e doado aos outros dimanava de uma profunda experiência de Deus, tal como o regato que flui de sua nascente. Seu ardor apostólico hauria vigor de uma vida fecundada pelo Espírito, como a planta que frutifica graças ao que lhe vem de suas raízes. Tudo o que fazia era, na verdade, como um raio que se desprendia do sol que o iluminava

14 “*Contemplata allis tradere*”, como sugere a tradição tomista.

por dentro. A familiaridade de Vicente com o Senhor – geradora de convicção, compromisso e coerência – desaguava em sabedoria prática, caridade audaciosa e ardor missionário. De sua mística – uma “mística de olhos abertos”¹⁵ – nascia o vigor de sua profecia. Era no recato da oração que se perfilava sua arte de formar e transformar. Como recorda o Papa Francisco, sem interioridade, “toda ação corre o risco de ficar vã e o anúncio, no fim das contas, carecer de alma. Jesus quer evangelizadores que anunciem a Boa-Nova, não só com palavras, mas sobretudo com uma vida transfigurada pela presença de Deus”¹⁶. Transfigurada pela presença de Deus, a vida de Vicente de Paulo tornou-se reflexo e irradiação da compaixão ativa de Jesus Cristo para com os pobres, nos quais podia contemplar e apalpar a imagem de seu Mestre e Senhor a tocar-lhe a consciência e o coração, sempre mais dilatados e esclarecidos pela Graça. Seu primeiro biógrafo reteve esta sua declaração: “Não se pode esperar muito de um homem que não gosta de entreter-se com Deus. Se alguém não cumpre como deve suas tarefas no serviço de Nosso Senhor, é porque não se uniu a ele e não lhe pediu o auxílio de sua graça com uma perfeita confiança”¹⁷.

Com efeito, a veia mística de São Vicente transparece em sua insistência sobre o valor imprescindível da vida espiritual. Certa vez, desejoso de ajudar no discernimento de um austero e laborioso Missionário, que se declarava atraído pelo recolhimento dos Cartuxos, afirmou o fundador da Missão: “A vida apostólica não exclui a contemplação, mas a abraça e dela se prevalece para melhor conhecer as verdades eternas que deve anunciar” (SV III, 347). Em diversas ocasiões, Vicente se mostrará profundamente convencido da necessidade de cultivar a dimensão propriamente contemplativa da vocação de seus Missionários, valendo-se sobretudo da prática da oração: “Dai-me um homem de oração e ele será capaz de tudo. Poderá dizer com o santo Apóstolo: ‘Tudo posso naquele que me sustenta e conforta’ (Fl 4,13). A Congregação da Missão subsistirá enquanto o exercício da oração nela for fielmente praticado, porque a oração é como uma fortaleza inexpugnável que protegerá os Missionários contra toda sorte de ataques” (SV XI, 83). Mais contundente ainda é a conclusão desta sua repetição de oração: “Demo-nos todos a esta prática da oração, pois é por ela que nos vêm todos os bens. Se perseveramos em nossa vocação, é graças à oração; se

15 Expressão formulada pelo teólogo alemão Johann Baptist Metz, colocada como título de uma de suas obras, publicada em 2011.

16 FRANCISCO. Exortação Apostólica *Evangelii Gaudium* (EG). Documentos Pontifícios 17. Brasília: Edições CNBB, 2013, n. 259.

17 ABELLY, tomo III, p. 50. “A oração o levava a evangelizar os pobres e estes o devolviam ao recinto de sua interioridade para continuar na estrada do seguimento de Jesus compassivo e misericordioso” (ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tiempo, p. 154).

vamos bem em nossos trabalhos, é graças à oração; se não caímos no pecado, é graças à oração; se permanecemos na caridade, se nos salvamos, tudo isso é graças a Deus e à oração. Como Deus não recusa nada a quem reza, assim também não concede quase nada sem oração” (...). Peçamos, pois, a Deus, com toda humildade, que nos faça entrar nesta prática” (SV XI, 407-408). Só um autêntico místico é capaz de dar à oração o lugar que lhe é devido, como exercício que nos predispõe a receber com docilidade o que o Senhor nos quer dar para tornar frutuosa nossa vida e aprimorar nosso empenho missionário.¹⁸ Às Filhas da Caridade, chamadas a ser como “*outras Santa Teresa*”, o fundador assegurará que “a oração é tão excelente que nunca se reza demais e, quanto mais rezamos, mais queremos rezar, quando na oração buscamos a Deus” (SV IX, 417). Por isso, constata, “é impossível que uma Filha da Caridade possa viver sem oração” (SV X, 583).

Não fosse a intensa vida interior que perpassava o cotidiano do Padre Vicente e irrigava sua colossal atividade apostólica, jamais conheceríamos o intrépido evangelizador e servidor dos pobres que “quase mudou a face da Igreja”¹⁹ e da sociedade de seu tempo, atravessando os séculos como o santo da caridade e da missão. Com H. Brémond, não hesitamos em afirmar que “a santidade o tornava [a Vicente de Paulo] verdadeira e eficazmente caritativo”, embora devamos acrescentar que a caridade, acolhida na fé e testemunhada no serviço, constituía o impulso fundamental de sua santidade. Se, por um lado, “não foram os pobres que o deram a Deus, mas Deus que o deu aos pobres”,²⁰ por outro, foram os pobres – abrigados primeiro em seu coração e em suas obras – que abriram caminho para que Vicente encontrasse ou se deixasse encontrar pelo Deus de sua vida e de sua vocação, impregnando-se dos sentimentos e atitudes de Jesus Cristo, revestindo-se de seu espírito, como recomendará em distintas ocasiões, como neste colóquio com seus Padres e Irmãos da Missão: “Quão importante é revestir-se do espírito de Jesus Cristo! Isso quer dizer que, para aperfeiçoar-nos, para atender utilmente o povo e para bem servir aos eclesiásticos, temos de esforçar-nos por imitar a perfeição de Jesus Cristo e procurar chegar a ela. Isso quer dizer também que não podemos nada por nós mesmos. Temos de encher-nos e deixar-nos animar deste espírito de Jesus Cristo” (SV XII, 107-108). Com razão, concluirá Brémond: “Quem

18 Vicente de Paulo se servia de muitas imagens para ilustrar a importância e a necessidade da oração: ela é para a alma o que alimento é para o corpo (SV IX, 416); é uma fonte de rejuvenescimento interior (SV IX, 217); revigoramento para o serviço dos pobres (SV IX, 416); pregação que fazemos a nós mesmos para nos convencer da necessidade que temos de Deus (SV XI, 84); orvalho que fertiliza nossa vida (SV IX, 402) etc.

19 “**Il a presque changé le visage de l’Église!**”, expressão atribuída a um dos célebres pregadores dos funerais de São Vicente, o bispo Henri Maupas de Tours.

20 *Histoire littéraire du sentiment religieux en France*, tomo III, p. 229.

vê Vicente de Paulo mais filantropo do que místico; quem não o vê místico antes de tudo, representa um Vicente de Paulo que jamais existiu”.²¹ E o motivo é claro: o coração de Vicente de Paulo “é o coração de um santo, não o de um ativista. É o coração de um homem de fé, não o de um ideólogo”.²² Resta-nos, pois, escutar o que seu coração experimentou e quer nos transmitir, com a jovialidade de quem se reconhece alcançado por Cristo e por ele enviado aos pobres.

Na mística vicentina, santidade, caridade e missão se exigem e possibilitam mutuamente, porque procedem todas do coração do Pai, encontram em Cristo seu referencial permanente e se alimentam da força criativa do mesmo Espírito. Em seus didáticos conselhos a um jovem Padre da Missão, nomeado superior de um seminário, São Vicente insiste: “É preciso que vos esvazieis de vós mesmo para vos revestir de Jesus Cristo”. E, ao final, acrescenta um apelo à prática da oração como meio indispensável para assimilar o espírito de Cristo: “Uma coisa importante, à qual deveis vos aplicar cuidadosamente, é ter grande comunicação com Nosso Senhor na oração. Este é o reservatório onde encontrareis as instruções que vos serão necessárias para cumprir a função que ides desempenhar” (SV XI, 343-344). Viver e agir segundo o espírito de Cristo, eis o segredo da vida de Vicente de Paulo e o fundamento revitalizador de sua mística profética! Esta é também a experiência que nos transmite, com a vivacidade de seu espírito todo impregnado do Evangelho.

A mística de São Vicente aflora em suas palavras impregnadas de fé e em suas obras repletas de misericórdia. Palavras e obras são como efusões de seu coração plenificado pela Graça. Certa ocasião, um Padre da Missão declarou a outro Coirmão: “Não posso exprimir com que efusão, com que abundância do Espírito de Deus ele falava, com que chama, com que veemência! Posso apenas dizer que meu coração estava repleto de alegria e contentamento” (SV XI, 117). Para demonstrar a força persuasiva das palavras de nosso fundador, capazes de encher de júbilo os corações de seus Missionários, nada melhor do que este testemunho do Irmão B. Ducournau, incontido admirador e fidelíssimo secretário do místico da caridade missionária: “Ele fala com uma força incomum. A eloquência e a graça que o animam o fazem tratar os menores assuntos com tanta devoção que ele a comunica sempre aos que o escutam, imprimindo-lhes na alma estima e reverência por tudo o que diz respeito a Deus, e afeição pelas Regras e práticas da Missão. Por isso, todos ficam atentos quando ele fala, e vários ficam arrebatados ao ouvi-lo.

21 Ibidem, p. 218.

22 FERNÁNDEZ. El pobre en el corazón de San Vicente, p. 516.

Os ausentes, com frequência, informam-se do que disse e demonstram pesar por não estarem presentes (...). Quem fala como ele, com tanta sabedoria, eficácia e amor, sem esmero de preparação e sem ostentação? (...). É o superior escolhido por Deus para injetar espírito e vida nos membros do corpo” (SV XII, 447-448). Como assevera A. Orcajo: “Vicente de Paulo, como testemunha da Palavra de Deus, falava da abundância de um coração abrasado pelo fogo do Evangelho”.²³ Com efeito, as palavras do santo Pai, mais do que artifícios retóricos, eram transbordamentos de um coração que ardia, cintilações de uma alma verdadeiramente mística, inflamada pela caridade de Cristo.

As palavras de São Vicente convenciam e entusiasmavam, porque nasciam de convicções assumidas na fé e vividas em seu cotidiano. Exemplo disso é a paixão missionária que tantas vezes transmitiu aos seus e que reluzia em sua vida e ministério. Já septuagenário, escreve a uma fiel colaboradora, encarregada de uma das Confrarias da Caridade: “Vou dar continuidade à missão de Sevan, a quatro léguas daqui. Talvez não possa deixá-la na sexta-feira, para vir à assembleia. Suplico-vos, senhora, apresentar minhas escusas. Parece-me que ofenderia a Deus, se não fizesse tudo que posso pelos pobres do campo” (SV IV, 586-587). Quando os achaques da idade se impuseram, sentiu profundamente, como uma dolorosa privação, a impossibilidade de partir em missão para os lugarejos mais abandonados. Nada lhe parecia mais necessário, importante e recompensador do que se dedicar, juntamente com seus Padres e Irmãos, a evangelizar os pobres:²⁴ “Infelizes de nós se nos tornamos relaxados na obrigação que temos de socorrer as pobres almas, pois nós nos entregamos a Deus para isso, e Deus o espera de nós”. E, extravasando seu ardor apostólico, conclui com emoção: “No que a mim se refere, apesar de minha idade, diante de Deus, não me sinto dispensado da obrigação que tenho de trabalhar pela salvação dessa pobre gente. Quem me poderia impedir? Se não pudesse pregar todos os dias, eu o faria duas vezes por semana. Se não pudesse subir aos grandes púlpitos, tentaria fazê-lo dos pequenos. Se não me escutassem desses pequenos púlpitos, quem me impediria de falar simples e familiarmente com esse bom povo, como vos falo agora, fazendo-os se aproximarem de mim, como os senhores estão agora?” (SV XI, 136). Palavra e vida em perfeita harmonia, como fruto de uma entranhada mística, que jamais se perdeu em voos especulativos e altas elucubrações, sem separar profundidade espiritual e relevância prática, intensa contemplação e qualificada atuação.

23 ORCAJO. San Vicente de Paúl, místico de todo tiempo, p. 149.

24 Conferir também: SV XI, 258; XII, 3, 5, 367.

Poucos missionários souberam ser tão místicos como Vicente de Paulo, assim como poucos místicos chegaram a ser tão apostólicos como o *profeta da caridade missionária*. Seu conceito de missionário é um retrato de seu próprio perfil espiritual: “Um missionário, um verdadeiro missionário é um homem de Deus, um homem que tem o espírito de Deus” (SV XI, 202). Por fim, citamos a belíssima oração brotada do coração místico de nosso fundador, em uma de suas mais substanciosas conferências a seus Padres e Irmãos: “Ó meu Deus, concedei-me a graça de que vosso santo amor se grave bem profundamente em meu coração, que ele seja a vida de minha vida e a alma de minhas ações, a fim de que, jorrando para fora, penetre e opere também nas almas daqueles aos quais me dedicarei” (SV XII, 263). A vida de Vicente de Paulo foi assim: o manancial de sua mística era um contínuo extravasamento do amor gravado no recôndito de seu coração, amor que nutria sua vida e transparecia em suas ações, amor que encorajava todas as pessoas que se confiavam à sua orientação, amor que, acima de tudo, cobria a nudez dos pobres e sofredores, enxugando-lhes as lágrimas, minorando suas dores, recriando suas esperanças e dando-lhes a certeza de que Deus os escolhera, por pura graça e misericórdia, para torná-los “ricos na fé e herdeiros do Reino que prometeu aos que o amam” (Tg 2,5).

3. Uma profecia mística

A Exortação Apostólica *Vita Consecrata*²⁵ faz duas significativas referências a São Vicente de Paulo, colocando em evidência o profetismo de sua mística. Ambas se situam no capítulo intitulado *Servitium caritatis: A VC, epifania do amor de Deus no mundo*, seção *O amor até o fim*. Logo depois, no capítulo seguinte, o Papa João Paulo II lembra o alcance do profetismo da VC para a Igreja e o mundo: “A função de sinal, que o Concílio Vaticano II atribui à VC, exprime-se no testemunho profético da primazia que Deus e os valores do Evangelho têm na vida cristã. Em virtude desta primazia, nada pode ser preferido ao amor pessoal por Cristo e pelos pobres, nos quais ele vive” (n. 84). As referências a São Vicente respaldam essa afirmação.

A primeira referência (n. 75) tem como ponto de partida o gesto do lava-pés (Jo 13,1-5), através do qual o Senhor Jesus quis revelar a profundidade do amor de Deus que se põe a serviço da humanidade. Neste gesto surpreendente, manifesta-se também o sentido essencial da vocação dos discípulos de Cristo: o “amor oblato, de serviço concreto e generoso”. Viver

25 JOÃO PAULO II. Exortação Apostólica Pós-sinodal *Vita Consecrata*. Sobre a Vida Consagrada e sua missão na Igreja e no mundo.

deste amor, ou seja, amar com a largueza do coração de Cristo, com a força invencível de sua caridade, constitui o âmago da VC. Em seguida, o Papa recorda a figura do apóstolo Pedro que, depois de contemplar extasiado o esplendor da Transfiguração, é convidado a voltar à missão de servir ao Reino de Deus. Com efeito, “o olhar fixo no rosto do Senhor não diminui no apóstolo o empenho a favor do homem; pelo contrário, reforça-o, dotando-o de uma nova capacidade de influir na história, para libertá-la de tudo quanto a deforma”. Conclui o Santo Padre: “A busca da beleza divina impele as pessoas consagradas a cuidarem da imagem divina deformada nos rostos de irmãos e irmãs: rostos desfigurados pela fome, rostos desiludidos pelas promessas políticas, rostos humilhados de quem vê desprezada a própria cultura, rostos assustados pela violência cotidiana e indiscriminada, rostos angustiados de menores, rostos de mulheres ofendidas e humilhadas, rostos cansados de migrantes sem um digno acolhimento, rostos de idosos sem as mínimas condições para uma vida digna. A VC prova assim, com a eloquência das obras, que a caridade divina é fundamento e estímulo do amor gratuito e operoso”. E alude, enfim, a São Vicente: “Bem convencido disto estava **São Vicente de Paulo**, quando indicava às Filhas da Caridade este programa de vida: ‘O espírito da Companhia consiste em dar-se a Deus para amar Nosso Senhor e servi-lo na pessoa dos pobres material e espiritualmente, em suas casas e em outros lugares, para instruir as meninas pobres, as crianças, e em geral todos aqueles que a Divina Providência vos manda’ (SV IX, 592)”. Justa aplicação da profecia mística de Vicente de Paulo: Precisamos receber continuamente de Cristo o amor que devemos e desejamos oferecer aos irmãos, particularmente aos pobres. A caridade reúne em si um duplo movimento: contemplar e agir, acolher e entregar, adorar e servir. Nada suprime, portanto, a necessidade e a urgência desse “amor oblato, de serviço concreto e generoso”, que harmoniza o corporal e o espiritual, a anúncio do Evangelho e a promoção da dignidade humana. Mas só serviremos bem, sem humilhar ou acomodar, *amando com o coração de Cristo*, em cuja vida podemos reconhecer a verdadeira medida do “amor inventivo até o infinito”, como ensina o profeta da caridade missionária (SV XI, 145).

A segunda referência a São Vicente está inserida no tópico sobre *a predileção pelos pobres e a promoção da justiça* (n. 82). Aqui, o ponto de partida é a proclamação da missão de Jesus na sinagoga de Nazaré, texto muito caro a Vicente de Paulo, que escolheu como divisa de seus Missionários as palavras que o Filho de Deus tomou do profeta Isaías para definir o conteúdo programático de sua obra salvadora: “O Espírito do Senhor está sobre mim, porque ele me ungiu, para anunciar a Boa-Nova aos pobres” (Lc 4,18).

Afirmção inconfundível da predileção de Cristo pelos pobres, predileção que ele aprendeu de seu Pai (Is 66,2; Lc 10,21). Tal predileção exige e encoraja a opção da Igreja pelos últimos da sociedade e seu empenho no serviço da caridade e na transformação das estruturas geradoras de pobreza. “O Evangelho torna-se efetivo através da caridade, que é glória da Igreja e sinal de sua fidelidade ao Senhor”. O Papa recorda que, embora todos os discípulos de Cristo estejam obrigados a essa predileção, “aqueles que querem seguir o Senhor mais de perto, imitando suas atitudes, não podem deixar de se sentirem implicados de modo absolutamente particular em tal opção”. Ao longo de sua história, a VC se revelou “uma exegese viva da palavra de Jesus: ‘Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes’ (Mt 25,40)”. E o Pontífice tira algumas consequências muito alinhadas à vocação dos(as) consagrados(as): viver como pobres, assumindo um estilo de vida humilde e austero, e abraçar a causa dos pobres, sem vinculações ideológicas, dispostos a denunciar as injustiças e promover a justiça nos ambientes onde atuamos. Aparece, então, São Vicente de Paulo, lembrado por sua intuição de que, “quando se tem de deixar a oração para ir prestar assistência a um pobre em necessidade, na realidade a oração não é interrompida, porque ‘se deixa Deus para ir estar com Deus’ (SV IX, 319)”. Só mesmo uma pessoa de fé, que se nutre constantemente da oração e aí encontra o Senhor, poderá também reconhecê-lo, acolhê-lo e servi-lo na pessoa de cada irmão empobrecido que lhe estende a mão e apela à sua disponibilidade, porque, afinal, como ensina São Vicente, “não basta fazer o bem, é preciso fazê-lo bem, a exemplo de Nosso Senhor, de quem se dizia: ‘Ele faz bem todas as coisas’ (Mc 7,37)” (SV XII, 179). Por isso, servir bem aos pobres, segundo o espírito de Cristo, será sempre “selo de fidelidade ao Evangelho e estímulo de conversão permanente para a VC”.

Destas duas alusões a Vicente de Paulo como luminar da profecia mística da VC, concluímos que nossa consagração missionária é movida pela fé em Cristo, pela identificação profunda e dinâmica com sua pessoa, pela participação em seu mistério de incondicional amor. Sem a fé, a caridade ficaria carecendo de sua fonte e deixaria de ser princípio de vida, caminho de santidade e impulso apostólico. Fora do horizonte aberto pela fé e pela caridade, a Vida Consagrada perderia sua profundidade mística e seu élan profético, porque “só o amor é digno de fé”.²⁶

A profecia da Vida Consagrada passa necessariamente por sua radical identificação com Cristo, fundamento de sua decisiva orientação para o mistério de Deus (mística), da fraternidade que reúne e fortalece seus

26 Título da célebre obra de H. U. Von Balthasar: *Seul l'amour est digne de foi*. Paris: Seuil, 1965.

membros (comunidade) e de seu compromisso com o Reino, concretizado em diferentes modos de presença e atuação na Igreja e no mundo (missão). As expectativas do Papa Francisco para o recente Ano da Vida Consagrada sintetizam os valores e as exigências da profecia mística que somos chamados a aprofundar e a exercer, mediante uma radical intimidade com o Deus e Pai de Jesus Cristo:²⁷ **felicidade** experimentada e demonstrada na vivência íntegra e comprometida de nossa vocação, de modo a “transparecer a alegria e a beleza de viver o Evangelho e seguir a Cristo”; **profecia** capaz de “despertar o mundo” para “a lógica evangélica do dom, da fraternidade, do acolhimento, do amor recíproco”, colocando-nos em atitude de discernimento da voz de Deus nos acontecimentos da história; **comunhão fraterna**, “que sempre se abre ao encontro, ao diálogo, à escuta, à ajuda mútua, e nos preserva da doença da autorreferencialidade”, habilitando-nos para promover a “mística de viver juntos” na Igreja e na sociedade; **sair de nós mesmos para ir às periferias existenciais**, onde se acham “pessoas que perderam a esperança, famílias em dificuldade, crianças abandonadas, jovens a quem está vedado qualquer futuro, doentes e idosos abandonados, homens e mulheres à procura do sentido da vida, sedentos do divino”; **interrogar-nos sobre o que Deus e a humanidade pedem à Vida Consagrada**, de forma que os Institutos, contemplativos ou apostólicos, avaliem a qualidade de “sua presença na vida da Igreja e seu modo de responder às incessantes e novas solicitações que se levantam ao nosso redor e ao clamor dos pobres”. Por fim, o Santo Padre nos convida a louvar o Senhor pela mística e pela profecia da Vida Consagrada, recordando o legado de santidade e caridade de fundadores(as) da têmpera primaveril de São Vicente de Paulo e de tantos outros que marcaram a história da Igreja.

Particularmente neste seu Ano Jubilar, 400 anos do carisma que lhe foi dado, a Família Vicentina bendiz o Senhor pela fecundidade de tantas pessoas consagradas que testemunharam e seguem testemunhando a alegria de pertencer a Cristo e servir aos irmãos mais pobres, com ardor, sabedoria e paixão, movidas pela profecia mística aprendida de seu fundador.

27 Carta Apostólica às pessoas consagradas. Para proclamar o Ano da Vida Consagrada, cap. II. Especificamente sobre a profecia, diz o Pontífice: “Espero que ‘desperteis o mundo’, porque a nota característica da Vida Consagrada é a profecia (...). Esta é a prioridade que agora se requer: ‘ser profetas que testemunham como viveu Jesus nesta terra (...)’. Um consagrado não deve jamais renunciar à profecia” (n. 2).

Contemplar a beleza, zelar da Casa Comum - Um apelo à Vida Religiosa Consagrada na *Laudato Si'*

IR. AFONSO MURAD, MARISTA¹

Os gestos e palavras do Papa Francisco têm sido para nós, consagrados e consagradas, uma surpresa de Deus. Estilo de vida simples e frugal, proximidade às pessoas, liberdade diante das próprias leis eclesiais, solidariedade com os pobres da Terra (especialmente os refugiados), pregação com palavras acessíveis, criação de instâncias participativas na Igreja, diálogo efetivo com outras Igrejas e religiões, apelo para uma “Igreja em saída”, respeito às diversidades étnicas, culturais, sexuais e de gênero, espiritualidade centrada no Deus misericordioso, sintonia com a Vida Religiosa Consagrada... Felizmente, poderíamos continuar a lista, e teríamos muito a acrescentar.

Um dos presentes que ele brindou ao mundo foi a encíclica *Laudato Si'*, sobre o cuidado da Casa Comum. Acolhida com alegria e respeito por pesquisadores e membros de movimentos socioambientais de todo o mundo, por ecólogos e ecologistas, a encíclica não teve ainda o devido reconhecimento no seio da própria Igreja Católica. Talvez aconteça aquilo que o próprio Jesus viveu em Nazaré: um profeta não é bem aceito na sua cidade e no meio da parentela (Mc 6,4s; Lc 4,24). Guardando as devidas

1 Irmão Marista. Doutor em Teologia (Universidade Gregoriana). MBA em gestão e tecnologias ambientais (Universidade de São Paulo). Professor de teologia. Membro da Equipe Interdisciplinar da Conferência dos Religiosos do Brasil (CRB) e da Equipe de teólogos(as) assessores(as) da presidência da CLAR.

proporções, a *Laudato Si'* se assemelha a um tesouro escondido no campo, ou bela e preciosa pérola (Mt 13,44-46). Sendo uma atualização do Evangelho, constitui um Boa-Nova oferecida a toda a humanidade, não somente aos católicos e demais cristãos. Mas precisa ser trazida à luz!

Podemos descobrir muitos aspectos significativos na *Laudato Si'*. Vamos nos concentrar em um: a beleza do nosso planeta e de Deus, que **encanta**² e nos chama para cuidar da Casa Comum.

Um novo olhar sobre o mundo

A *Laudato Si'* visa nos ajudar “a reconhecer a grandeza, a urgência e a **beleza** do desafio que temos pela frente” (LS, n. 15), de garantir a sustentabilidade no nosso planeta. Ela foi elaborada com a contribuição de muitas pessoas, de diversos campos do saber, como as ciências ambientais, a filosofia, a sociologia e a teologia. Mostra-se muito precisa do ponto de vista conceitual, o que é importante para conferir certa legitimidade, quando se trata de um tema candente, vital para a humanidade, objeto de pesquisa de muitas ciências. Ao mesmo tempo, é um texto tocante, que não se prende à frieza dos conceitos. Usando analogias e expressões poéticas, Francisco nos aproxima da realidade mais profunda do ser humano e do mundo, que os conceitos não conseguem abarcar.

A encíclica se abre com uma pergunta: O que é a Terra para nós, a partir do olhar de Francisco de Assis? Ela, nossa Casa Comum, “ora uma irmã, com quem partilhamos a existência, ora uma mãe **bela**, que nos acolhe nos seus braços” (LS, n. 1). A expressão “Casa Comum” foi tomada do movimento ecológico. Quer dizer: habitamos o planeta junto com os seres abióticos (água, ar, solo, energia do sol) e os seres vivos, desde os microorganismos (protozoários, bactérias e fungos), passando pelas plantas (das gramíneas às gigantescas árvores da Amazônia), os insetos, os peixes e os pássaros, até animais mamíferos superiores. Por isso, o nosso planeta é também uma irmã, pois partilhamos da vida com milhões de outras criaturas. A Terra, como mãe, nos fornece os nutrientes para a existência. Dela vimos e ela nos acolhe com carinho. Mais ainda, somos parte da Terra. Aqui se supera uma visão limitada, de que a natureza estaria fora de nós. Diz o Papa: “nós mesmos somos terra (Gn 2,7). O nosso corpo é constituído pelos elementos do planeta; o seu ar permite-nos respirar, e a sua água vivifica-nos e restaura-nos” (LS, n. 2).

2 Propositadamente, colocaremos em negrito as palavras relacionadas a este tema, nas citações da *Laudato Si'* (LS).

Você já pensou como reduzimos a outras criaturas a objetos? A começar das palavras que utilizamos. Dizemos que uma árvore é uma coisa, enquanto ela na verdade é um ser vivo. Coisas são uma mesa, uma bicicleta ou uma cadeira. E até estas são mais do que objetos, pois algumas delas comportam valor simbólico e relacional. Todos conhecemos a tradicional divisão do Rosário, em mistérios gozosos, luminosos, dolorosos e gloriosos. Utilizando esta analogia, em linguagem poética, Francisco nos diz: “O mundo é algo mais do que um problema a resolver; é um mistério **gozoso** que contemplamos na alegria e no louvor” (LS, n. 12).

A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. E isto exige sentar-se a pensar e discutir acerca das condições de vida e de sobrevivência de uma sociedade, com a honestidade de pôr em questão modelos de desenvolvimento, produção e consumo. Nunca é demais insistir que tudo está interligado. O tempo e o espaço não são independentes entre si; nem os próprios átomos ou as partículas subatômicas podem ser considerados separadamente. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individuar e compreender.

O olhar integrador sobre o mundo se deve ao paradigma ecológico, que busca compreender a realidade como um todo, no qual os componentes são interdependentes. “A ecologia estuda as relações entre os organismos vivos e o meio ambiente onde se desenvolvem. (...) Tudo está interligado. Assim como os vários componentes do planeta – físicos, químicos e biológicos – estão relacionados entre si, assim também as espécies vivas formam uma trama que nunca acabaremos de individuar e compreender”.

Francisco, em uma admirável postura de diálogo com as ciências ambientais, relembra-nos que “meio ambiente” não está fora de nós. Fazemos parte dele, pois tudo está interligado. “Quando falamos de meio ambiente, fazemos referência também a uma particular relação: a relação entre a natureza e a sociedade que a habita. Isto impede-nos de considerar a natureza como algo separado de nós ou como uma mera moldura da nossa vida. Estamos incluídos nela, somos parte dela e compenetramo-nos” (LS, n. 139).

A fé percebe que tal interdependência é querida por Deus, que, por seu Espírito, sustenta a criação, renova-a e leva-a à plenitude, como diz o teólogo alemão J. Moltmann. Nesta linha, Francisco proclama: “Sendos criados pelo mesmo Pai, estamos unidos por laços invisíveis e formamos uma espécie de família universal, uma comunhão sublime que nos impele a um respeito sagrado, amoroso e humilde” (LS, n. 89).

Francisco sustenta que “cada criatura tem uma função e nenhuma é supérflua. Todo o universo material é uma linguagem do amor de Deus, do seu carinho sem medida por nós. O solo, a água, as montanhas: tudo é carícia de Deus” (LS, n. 84). As criaturas são intrinsecamente boas, porque provindas das mãos amorosas do criador. Precisamos de ecossistemas em equilíbrio, para continuar a habitar a Terra. “Assim como cada organismo é **bom e admirável** em si mesmo pelo fato de ser uma criatura de Deus, o mesmo se pode dizer do conjunto harmônico de organismos em um determinado espaço, funcionando como um sistema. Embora não tenhamos consciência disso, dependemos desse conjunto para a nossa própria existência” (LS, n. 140).

De outro lado, a fé cristã reconhece que o pecado danificou (e danifica ainda) a harmonia do cosmos. Ela perverte o ser humano em dominador, que destrói impiedosamente, rompendo as relações fundamentais: com Deus, com o próximo e com a Terra (LS, n. 66). A plenitude de Deus somente se manifestará nas suas criaturas no fim dos tempos, na consumação do Reino, quando Cristo for “tudo em todos”. Portanto, nossa visão sobre o mundo material e a biosfera é positiva, mas não ingênua ou idealizada.

Toda a natureza, além de manifestar Deus, é lugar da sua presença. Em cada criatura, habita o seu Espírito vivificante, que nos chama a um relacionamento com o desenvolvimento das “virtudes ecológicas”. Mas, quando dizemos isto, não esqueçamos que há também uma distância infinita, pois as coisas deste mundo não possuem a plenitude de Deus (LS, n. 88).

Nosso planeta é mais do que um amontoado de coisas, ou uma mera fonte de recursos que poderíamos usar de qualquer forma, sem limites. Trata-se de um **outro**, que deve ser reconhecido como tal. E este “rosto do outro” não tem somente beleza. Há um clamor da Terra, que se junta ao grito dos pobres, em favor da vida ameaçada.

Esta irmã clama contra o mal que lhe provocamos pelo uso irresponsável e o abuso dos bens que Deus nela colocou. Crescemos a pensar que éramos seus proprietários e dominadores, autorizados a saqueá-la (...) Entre os pobres mais abandonados e maltratados, conta-se a nossa terra oprimida e devastada, que geme e sofre as dores do parto (Rm 8,22) (LS, n. 2).

Beleza, admiração e encantamento

A palavra “beleza”, com seu sinônimo “formosura” aparece 32 vezes na encíclica.³ Em vários trechos da *Laudato Si'*, Francisco chama a atenção para a beleza dos ecossistemas e de cada ser, a fim de nutrir em nós o

3 Na tradução portuguesa, usa-se somente “beleza”. Na versão em espanhol, “belleza” e “hermosura”.

encantamento, a admiração⁴ e o respeito. Ao tomar Francisco de Assis como modelo da atitude cristã diante do planeta, o Papa adverte que é necessário nos aproximarmos da natureza e do meio ambiente com esta abertura para a **admiração** e o **encanto**. Devemos falar a língua da fraternidade e da **beleza** na nossa relação com o mundo. Se nos sentirmos intimamente unidos a tudo o que existe, então brotarão de modo espontâneo a *sobriedade* e a *solicitude* (LS, n. 11). E se isso não acontece? “Nossas atitudes serão as do dominador, do consumidor ou de um mero explorador dos recursos naturais, incapaz de pôr um limite aos seus interesses imediatos” (LS, n. 11).

A beleza faz parte do plano salvífico de Deus! E neste plano, ela está indissociavelmente ligada à prática do bem, à ética. Francisco entende a beleza não somente em sentido estrito ou literal. Ele associa esta palavra àquilo que suscita em nós atitudes de surpresa, abertura, admiração, reverência, encantamento e respeito. Nas nossas línguas latinas, especialmente no italiano, é comum associar o adjetivo “belo” a um fato, um gesto, uma pessoa, um processo, um evento, uma postura de vida. Neste caso, comporta sempre um juízo moral positivo. Belo seria sinônimo de bom, digno de admiração. Um gesto bonito (belo) é para ser seguido. Assim, quando nos deixamos tocar pela beleza-bondade dos outros, fazemo-nos aprendizes, discípulos.

Ao dialogar com a visão evolucionista e sistêmica do cosmos e da sociedade, Francisco aponta para uma beleza profunda que está no interior dos mecanismos complexos que regem a organização da matéria. Tais processos são reconhecidos pela fé como caminho para Deus, “beleza sempre antiga e sempre nova”, como dizia Santo Agostinho.

Neste universo, composto por sistemas abertos que entram em comunicação uns com os outros, podemos descobrir inúmeras formas de relação e participação. Isto leva-nos também a pensar o todo como aberto à transcendência de Deus, dentro da qual se desenvolve. A fé permite-nos interpretar o **sentido e a beleza** misteriosa do que acontece (LS, n. 79).

O encantamento diante da beleza não diz respeito somente ao mundo criado por Deus. A criatividade humana é bela e boa, especialmente a tecnologia, que nos fascina e oferece enormes possibilidades de ser utilizada com finalidade positiva. Ela manifesta também aspectos inusitados do ser humano.

A tecnociência, bem orientada, pode produzir coisas realmente valiosas para melhorar a qualidade de vida do ser humano (...). É capaz também de produzir coisas

4 Na versão brasileira, usa-se “admiração” e “admirar-se”. Na versão espanhola há outras palavras, como “admirado” (LS, n. 100) “asombrarse” (LS, n. 98). Em português, fala-se de “maravilha”. Em espanhol, “asombro” (LS, n. 243)

belas e fazer o ser humano, imerso no mundo material, dar o “salto” para o âmbito da **beleza**. Assim, no desejo de **beleza** do artífice e em quem contempla esta **beleza** dá-se o salto para uma certa plenitude propriamente humana (LS, n. 103).

Francisco defende que a natureza, tão bonita, faz parte do bem comum. Todos devem ter acesso a ela. Por isso, reprova os projetos urbanísticos elitistas: “A privatização dos espaços tornou difícil o acesso dos cidadãos a áreas de particular **beleza**” (LS, n. 45). Ele denuncia a beleza criada artificialmente pela tecnociência, visando somente o lucro e a exploração.

Este nível de intervenção humana, muitas vezes ao serviço da finança e do consumismo, faz com que esta terra onde vivemos se torne realmente menos **rica e bela**, cada vez mais limitada e cinzenta, enquanto ao mesmo tempo o desenvolvimento da tecnologia e das ofertas de consumo continua a avançar sem limites. Assim, parece que nos iludimos de poder substituir uma **beleza insuperável e irrecuperável** por outra criada por nós (LS, n. 34).

A sensibilidade ao belo, a partir das maravilhas da natureza, deve ser vivida integralmente na relação com os outros (sobretudo os mais pobres) e Deus. Caso contrário, estaria restrito a interesses mesquinhos. “Não se pode propor uma relação com o ambiente, prescindindo da relação com as outras pessoas e com Deus. Seria um individualismo romântico **disfarçado de beleza** ecológica e um confinamento asfixiante na imanência” (LS, n. 119).

No capítulo intitulado “O Evangelho da Criação” (LS, n. 63-100) Francisco nos oferece uma leitura bíblico-teológica extraordinária. Insiste que cada criatura manifesta, de alguma forma, algo de Deus. A criação revela, sem palavras, a beleza e a bondade do criador (já aludido em LS, n. 12). O Papa nos recorda a atitude contemplativa de Jesus, e como ele inspira uma espiritualidade integradora.

[Jesus] vivia em contato permanente com a natureza e prestava-lhe uma atenção cheia de **carinho e admiração**. Quando percorria os quatro cantos da sua terra, detinha-se a contemplar a **beleza** semeada por seu Pai e convidava os discípulos a individualarem, nas coisas, uma mensagem divina, (...) a estar atentos à **beleza** que existe no mundo (LS, n. 97). [Jesus] não se apresentava como um asceta separado do mundo ou inimigo das **coisas aprazíveis da vida** (...). Encontrava-se longe das filosofias que desprezavam o corpo, a matéria e as realidades deste mundo (LS, n. 98).

Por vezes, na *Laudato Si'* a palavra “beleza” tem uma nítida conotação antropológica e ética. Trata-se de uma “outra beleza”, além da aparência. Diz respeito ao cultivo das virtudes humanas da solidariedade e da cooperação. Quando aborda a ecologia urbana, Francisco destaca a necessidade de criar ambientes belos e humanizadores, especialmente para os mais pobres. E alerta os arquitetos e técnicos de planejamento urbano para o risco de se perderem no engano estético dos projetos. “Não é suficiente a busca

da **beleza no projeto**, porque tem ainda mais valor servir a **outro tipo de beleza**: a qualidade de vida das pessoas, a sua harmonia com o ambiente, o encontro e ajuda mútua” (LS, n. 150).

A ecologia urbana visa a promoção da dignidade, especialmente para os pobres. Não se trata somente de algo estético, mas sim de condições de vida humanizadoras, em vários sentidos.

Como são **belas** as cidades que superam a desconfiança doentia e integram os que são diferentes, fazendo desta integração um novo fator de progresso! Como são **encantadoras** as cidades que, já no seu projeto arquitetônico, estão cheias de espaços que **unem, relacionam, favorecem o reconhecimento do outro!** (LS, n. 152)

Francisco dedica o último capítulo da *Laudato Si'* à “Educação e Espiritualidade ecológicas” (LS, n. 202–246). Aí, a sensibilização para a beleza é apresentada como meio pedagógico para despertar a consciência ecológica e introduzir no mistério de Deus. A união da beleza com a bondade é fundamental para superar a postura dominadora do “antropocentrismo despótico” (LS, n. 68), que reduz todos os seres a meros objetos.

Quando não se aprende a parar a fim de **admirar e apreciar o que é belo**, não surpreende que tudo se transforme em objeto de uso e abuso sem escrúpulos. [Há] relação entre um adequada **educação estética** e a preservação de um ambiente são. **Prestar atenção à beleza e amá-la** nos ajuda a sair do pragmatismo utilitarista (LS, n. 215).

Como o Papa aborda o sentido espiritual da beleza? Como ela se articula com os sacramentos e a liturgia? Diz Francisco: “Os sacramentos constituem um modo privilegiado em que a natureza é assumida por Deus e transformada em mediação da vida sobrenatural” (LS, n. 235), especialmente na Eucaristia. Segundo o Papa, na Eucaristia a criação encontra a sua maior elevação. A graça atinge uma expressão maravilhosa. “No apogeu do mistério da Encarnação, o Senhor quer chegar ao nosso íntimo. Não o faz de cima, mas de dentro, para podermos encontrá-lo no nosso próprio mundo. Unido ao Filho encarnado, presente na Eucaristia, todo o cosmos dá graças a Deus” (LS, n. 236).

Na liturgia das Igrejas orientais, a beleza nos coloca diante de Deus, fonte de todo bem. “A **beleza**, que no Oriente é um dos nomes mais queridos para exprimir a harmonia divina e o modelo da humanidade transfigurada, mostra-se em toda a parte: nas formas do templo, nos sons, nas cores, nas luzes, nos perfumes” (LS, n. 235, citando João Paulo II).

O Deus trindade, unidade na diversidade, é a fonte inesgotável de vida, fundamento amoroso e comunicativo de tudo o que existe, modelo

inspirador de todas as relações (LS, n. 238-240). Viver o mistério trinitário significa adotar a relacionalidade a solidariedade como modo de ser e de agir.

As Pessoas divinas são relações subsistentes; e o mundo, criado segundo o modelo divino, é uma trama de relações. (...) Isto convida-nos não só a **admirar** os múltiplos vínculos que existem entre as criaturas, mas leva-nos também a descobrir uma chave da nossa própria realização. Na verdade, a pessoa humana cresce, amadurece e santifica-se tanto mais, quanto mais se relaciona (...) Tudo está interligado, e isto convida-nos a maturar uma espiritualidade da solidariedade global que brota do mistério da Trindade (LS, n. 240).

Por fim, o Papa nos fala de Maria glorificada, unida à humanidade e a toda a criação. Maria, figura da beleza de Deus, nos ensina este olhar amoroso e sábio sobre a Terra.

Ela vive, com Jesus, completamente transfigurada, e todas as criaturas cantam a sua **beleza**. (...) No seu corpo glorificado, juntamente com Cristo ressuscitado, parte da criação alcançou toda a **plenitude da sua beleza**. Maria não só conserva no seu coração toda a vida de Jesus, que “guardava” cuidadosamente (Lc 2,51), mas agora compreende também o sentido de todas as coisas. Por isso, podemos pedir-lhe que nos ajude a contemplar este mundo com um olhar mais sábio (LS, n. 241).

Na perspectiva ecoespiritual, o destino do ser humano e do mundo não é a aniquilação, e sim a transformação e a plenitude. Não somente a nós, humanos, é reservada a vida eterna, o novo céu e a nova terra. Deus manifestará sua beleza e bondade sem fim. Todas as criaturas serão tocadas pela recapitulação em Cristo.

No fim, encontrar-nos-emos face a face com a **beleza infinita de Deus** (1Cor 13,12) e poderemos ler, com **jubilosa admiração**, o mistério do universo, o qual terá parte conosco na plenitude sem fim. Estamos a caminhar (...) para a casa comum do Céu. Diz-nos Jesus: “Eu renovo todas as coisas” (Ap 21,5). A vida eterna será uma **maravilha compartilhada**, onde cada criatura, esplendorosamente transformada, ocupará o seu lugar e terá algo para oferecer aos pobres definitivamente libertados (LS, n. 243).

Na *Laudato Si'*, a admiração diante da beleza (da criação, do ser humano e Deus) faz parte das atitudes de alegria e de gratuidade. Essas estão presentes, com outro foco, nos documentos de Francisco *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*. Longe de levar o cristão ao espiritualismo desencarnado, o encantamento suscita respeito, ação de graça e práticas transformadoras.

Além disso, há outras chaves de leitura que completam a perspectiva da beleza-bondade. Uma delas, presente em toda a Encíclica, consiste em conhecer a realidade de forma crítica e solidarizar-se com a dor mundo e dos pobres. Por isso mesmo, Francisco dedica o capítulo I

da Encíclica a uma acurada análise de cenário planetário: *O que está acontecendo à nossa casa* (LS, n. 17-61). Ele esclarece a que serve este capítulo: “O objetivo não é recolher informações ou satisfazer a nossa curiosidade, mas tomar dolorosa consciência, ousar transformar em sofrimento pessoal aquilo que acontece ao mundo e, assim, reconhecer a contribuição que cada um lhe pode dar” (LS, n. 19).

O capítulo I mostra que a situação do planeta e dos pobres está longe das condições necessárias e ideais. O quadro traçado, lícido e profundo, não soa como belo: contaminação e mudança climática (LS, n. 20-26); a questão da água (LS, n. 27-31); perda da biodiversidade (LS, n. 32-42); deteriorização da qualidade da vida humana e a degradação social (LS, n. 43-47); desigualdade planetária (LS, n. 48-52). Diante de um cenário tão preocupante, o Papa se pergunta por que reações tão fracas (LS, n. 53-69). Ele denuncia a insensibilidade dos poderes econômicos e políticos diante da gravidade da situação. E conclui, mostrando que a diversidade de opiniões sobre este tema constitui um apelo para o diálogo a ação conjunta, antes que seja tarde (LS, n. 60-61).

A pobreza e a degradação ambiental são feias! Elas contrastam com o belo projeto de Deus, para o mundo e a humanidade. Por isso, Francisco faz um insistente apelo, diante do qual não podemos permanecer indiferentes.

Estas situações provocam os gemidos da irmã terra, que se unem aos gemidos dos abandonados do mundo, com um lamento que reclama de nós outro rumo. Nunca maltratamos e ferimos a nossa casa comum como nos últimos dois séculos. Mas somos chamados a tornarmo-nos os instrumentos de Deus Pai para que o nosso planeta seja o que Ele sonhou ao criá-lo e corresponda ao seu **projeto de paz, beleza e plenitude** (LS, n. 53).

Conclusões abertas

Durante muitos séculos, a Vida Religiosa Consagrada foi portadora de uma visão pessimista sobre o mundo, como lugar de pecado e sofrimento. Não devíamos colaborar na salvação do mundo, e sim escapar dele. O corpo deveria ser “mortificado”. Qualquer forma de prazer, que não fosse o “gozo espiritual”, era considerada suspeita e perigosa. As relações humanas, fora do contexto religioso, eram desvalorizadas. O Concílio Vaticano II nos reconciliou com a sociedade, com as “realidades terrestres” humanas. A *Gaudium et Spes* (GS), em particular, resgata o valor e a dignidade do ser humano. Assume que as grandes aspirações da humanidade ecoam de forma especial na comunidade dos seguidores de Jesus (GS, n. 1). Na América Latina, a *teologia da libertação* e a *Igreja dos pobres* abriram caminhos inusitados do diálogo

da Igreja com o mundo, a partir dos oprimidos. A Vida Religiosa Consagrada desempenhou um papel fundamental com as comunidades inseridas, a participação efetiva nas Comunidades de Base, a formação de lideranças populares nos movimentos sociais. Lentamente, surgiu a questão ecológica.

Agora, a *Laudato Si'* lança um apelo claro e forte de cuidado com a Casa Comum, em estreita relação com a inclusão social dos pobres. Enquanto Vida Religiosa Consagrada, podemos responder de muitas e variadas formas. A título de sugestão, enumeramos algumas delas:

- **Cultivar o olhar de encantamento em relação à beleza da criação.** Isso exige, principalmente para aqueles que vivem em ambiente urbano, espaços e tempos de sintonia com a água, o solo, o ar, as árvores e os pássaros. Valorizam-se então as Unidades de Conservação, os parques e jardins públicos. Realizam-se passeios ecológicos, favorecendo também a intensificação dos laços humanos.
- **Alimentar uma espiritualidade simultaneamente ecológica e social,** que percebe a presença/ausência de Deus na realidade do mundo (os humanos e os outros seres): bela, complexa, ambígua e frágil.
- Retomar a prática da **oração dos salmos**, saboreando e não somente repetindo palavras. Muitos Salmos expressam, através do louvor e da súplica, a unidade entre a criação, a ética e a luta pela justiça social. Deus criador é o mesmo que liberta o seu povo das opressões históricas.
- **Investir**, sobretudo nas escolas, obras sociais e paróquias, **na formação da consciência socioambiental** nas novas gerações (crianças e jovens) e nas lideranças cristãs.
- Adotar um **estilo de vida simples e alegre**, rejeitando o consumismo e a idolatria da tecnociência. Isso nos permite diminuir o impacto negativo sobre a biosfera, e viver com mais intensidade e profundidade.⁵
- **Tornar conhecida** a Encíclica *Laudato Si'* nas comunidades religiosas e nos espaços onde atuamos.

5 “A sobriedade, vivida livre e conscientemente, é libertadora. Não se trata de menos vida, nem vida de baixa intensidade; é precisamente o contrário. Com efeito, as pessoas que saboreiam mais e vivem melhor cada momento são aquelas que deixam de debicar aqui e ali, sempre à procura do que não têm, e experimentam o que significa dar apreço a cada pessoa e a cada coisa, aprendem a familiarizar com as coisas mais simples e sabem alegrar-se com elas. Deste modo conseguem reduzir o número das necessidades insatisfeitas e diminuem o cansaço e a ansiedade. É possível necessitar de pouco e viver muito, sobretudo quando se é capaz de dar espaço a outros prazeres, encontrando satisfação nos encontros fraternos, no serviço, na frutificação dos próprios carismas, na música e na arte, no contacto com a natureza, na oração. A felicidade exige saber limitar algumas necessidades que nos entorpecem, permanecendo assim disponíveis para as múltiplas possibilidades que a vida oferece” (LS, n. 223).

- Assumir em nossas **assembleias e capítulos** algumas ações coletivas, como forma de responder concretamente aos apelos da *Laudato Si'*.
- **Unir-se** a outras organizações religiosas e da sociedade civil, em defesa das causas socioambientais no nosso local de moradia e de trabalho.
- Para os Institutos que têm prédios e organizações complexas, traduzir o cuidado da Casa Comum em **políticas ambientais** institucionais, visando reduzir os impactos ambientais e promover a consciência planetária. Por exemplo: gestão de resíduos sólidos, da água e da energia; empreender construções e reformas com material sustentável, reduzir o consumo, estimular alimentação saudável.

Por fim, nos unimos ao Papa Francisco, à humanidade e à criação, em uma oração de ação de graças e súplica, em favor da Terra.

Vós que envolveis com a vossa ternura tudo o que existe, derramai em nós a força do vosso amor para cuidarmos da **vida e da beleza**. (...) Curai a nossa vida, para que protejamos o mundo e não o depredemos, para que semeemos **beleza** e não poluição nem destruição (LS 246a)

Os pobres e a terra estão bradando: Senhor, tomai-nos sob o vosso poder e a vossa luz, para proteger cada vida, para preparar um futuro melhor, para que venha o vosso Reino de justiça, paz, **amor e beleza**. Louvado sejais! (L 246b).

Para refletir

1. O que é a Terra para nós, a partir do olhar de Francisco de Assis?
2. Qual conceito de beleza na visão do Papa Francisco?
3. Como o Papa aborda o sentido espiritual da beleza?